

PENSAMENTOS E LEITURAS
DE DARIO VELLOZO SOBRE
ETNIA BRASILEIRA

Vivian Noitel Valim Tedardi - 2002

Monografia apresentada à disciplina de Orientação Monográfica como requisito parcial à conclusão do curso de graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná.

Orientadora Prof^a Cláudio Denipoti

INTRODUÇÃO

Procurar um tema para desenvolver uma pesquisa historiográfica não é tarefa fácil. Embora inúmeras idéias surjam em nossa mente é difícil alguma que nos agrade profundamente. Porém, esta incerteza, muitas vezes, nos faz sentir angustiados e bate um desespero por não conseguir se decidir a respeito do que pesquisar entre tantos assuntos que existem ao olharmos para o passado. Há tanta coisa para se saber e para pesquisar... Mas, felizmente, a idéia viável sempre aparece, mais cedo ou mais tarde.

Ao escolher um tema que nos satisfaça, de imediato pensamos que a angústia havia passado, entretanto, ela só estava começando. Quando se inicia a pesquisa às fontes e à bibliografia selecionada tantas perguntas permeiam nossa mente que medos, angústias e desesperos nos assolam e faz com que a busca para selecionar o “problema” se torne uma obsessão e que você não veja a hora de colocar fim ao mistério levantado quando o tema foi escolhido. Foi nesta angústia à procura de um tema para um projeto de pesquisa de final de curso que me deparei.

Descobri meu objeto de pesquisa, Dario Vellozo, em algumas leituras realizadas durante meu período acadêmico (acho que desde o início minha relação com este personagem esteve permeada pelas leituras). Seu nome, quando apresentado, geralmente estava reunido com o de outros intelectuais do período como Julio Pernetta, Nestor Vitor, Silveira Neto, Antonio Braga, Emiliano Pernetta,

Rocha Pombo e entre outros. Porém, o destaque que era concedido ao seu nome despertou em mim um desejo de saber quem foi este intelectual e o que ele havia desempenhado na capital paranaense. Foi aí que iniciei a minha pesquisa. Soube que foi um dos grandes responsáveis pelo Movimento Literário Simbolista no Paraná e que havia fundado o Instituto Neo-Pitagórico em 1909. Ao procurar suas obras literárias verifiquei que ele havia escrito muito mais do que livros de poesia simbolista. Publicou obras ligadas a assuntos polêmicos, como é o caso de suas obras anticlericalistas defendendo o livre pensamento. Assim, nesse gigante panorama que se abriu diante de meus olhos escolhi trabalhar com as suas idéias políticas, contudo, este ainda era um assunto bastante amplo para o que eu pretendia fazer em minha pesquisa, pois gostaria de trabalhar com as leituras deste intelectual. E foi, através de minha busca para privilegiar um assunto dentro do desenvolvimento político de Vellozo que me deparei com a questão étnica em seu discurso.

Através do desejo de entender o “mundo” em que Dario Vellozo vivia que “mergulhei” em suas obras à procura de indícios que me levassem a uma pequena apreensão do meio vivido pelo intelectual em questão. E neste sentido a teoria da História da Leitura me forneceu subsídios para que eu procurasse entender o que queria. Robert Darnton expõe a respeito da história da leitura que “se pudéssemos compreender como ele tem lido, poderíamos nos aproximar de um entendimento de como ele compreende a vida; e dessa maneira, da maneira histórica, poderíamos até satisfazer parte de nossa própria ânsia de

significado”.¹ Pensando desta maneira tentei resgatar a visão de mundo que Dario Vellozo possuía através da sua concepção de raça brasileira. Este literato deixou registrado em suas discussões a respeito da construção da identidade nacional declarações a respeito do que leu. Partindo dessas afirmações de Vellozo e da análise realizada para este trabalho de duas obras lidas por este intelectual, tentou-se “descobrir” uma pequena dimensão a respeito da sua visão de mundo.

Assim, para desenvolver este trabalho de pesquisa, colocou-se a seguinte pergunta: de que forma Dario Vellozo leu escritores contemporâneos seus ou não e como se apropriou de suas idéias. Isto se pensando que “ler é entendido como uma ‘apropriação’ do texto, tanto por concretizar o potencial semântico do mesmo quanto por criar uma mediação para o conhecimento do eu através da compreensão do texto”²

Para poder responder a esta pergunta dividiu-se este trabalho em três capítulos. O primeiro ficou responsável por descrever o meio social vivido pelo intelectual em questão e uma pequena biografia a seu respeito; o segundo capítulo está relacionado a um histórico sobre a questão étnica do Brasil realizada por diversos intelectuais brasileiros para poder incluir Vellozo nessas discussões; e por fim, o último capítulo demonstra duas leituras realizadas pelo personagem em questão e a análise final sobre a forma com que Dario Vellozo se relacionou com as duas

¹ DARTON, Robert. *História da leitura*. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 233.

² CHARTIER, Roger *Textos, Impressões e Leituras*. In: Hunt, Lynn (org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 215.

obras por ele lidas.

“O leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto (...)”,³ disse Roger Chartier, desta forma, espero que cada leitor inscreva-se neste trabalho historiográfico podendo de formas plurais cada um estabelecer um significado diferente.

1. Panorama de Curitiba na Primeira República

Final do século XIX e início do século XX, período da Primeira República Brasileira. As imagens urbanas estavam transformando-se no decorrer dos anos, pois o Brasil precisava consolidar-se como uma nova nação, criando os seus contornos modernos tais como as grandes potências européias. A capital paranaense, Curitiba, estava inserida neste contexto, as suas características urbanas e a construção de sua identidade coletiva no plano regional e nacional são fundamentais para entendermos este processo.

A grande maioria dos livros consultados para esta pesquisa, sobre Curitiba na Primeira República, é unânime quanto ao período de “modernidade” pelo qual estava passando a capital paranaense. Esse era o momento em que estava consolidando-se um novo regime político. A cidade enriquecida pela economia do mate começava a mudar sua fisionomia com grande rapidez. Os historiadores paranaenses do momento “constroem a imagem de uma cidade que, de sonolenta, pacata e provinciana, transformou-se, graças à ação bem feita de seus governantes

³ CHARTIER,... p. 215.

e à índole do seu povo, numa urbs moderna, higiênica e ordeira”.⁴ Projetos de urbanização como a expansão das redes de esgoto, o alargamento das praças, a construção de bueiros, calçamento e arborização de ruas, foram colocados em prática. Em detrimento dos novos projetos urbanísticos em busca do embelezamento da cidade, a arquitetura se alterou, novas formas de lazer passaram a fazer parte do cotidiano de curitibanos, como é o caso de cafés, cinemas e festas em clubes. Algumas fábricas curitibanas também se estabeleceram como é o caso do engenho de mate David Carneiro, as massas Todeschini e a fundição Mueller.

Na medida em que a cidade crescia devido à sua “modernização” ela se superpovoava, principalmente com a vinda dos imigrantes europeus. Em decorrência de seu superpovoamento, problemas relacionados à moradia, desemprego, sobrevivência, violência e doenças faziam parte também deste cenário. Assim, padrões de disciplinarização social foram colocados em prática; uma polícia vigilante passou a fazer parte do contexto, e higienizar a cidade tornou-se sinônimo de modernizar, pois Curitiba devia enquadrar-se nos parâmetros da economia burguesa, no mundo do trabalho. Nesse sentido, “higienizar implicava em drenar pântanos, alinhar e calçar ruas, retificar cursos de rios, instalar água encanada e rede de esgotos, arborizar praças, prevenir focos potenciais de enfermidades onde estivessem (prédios, fábricas, cemitérios), adotar medidas preventivas, como

⁴ DE BONI, Maria Ignês Mancini. *O Espetáculo Visto do Alto: vigilância e punição em Curitiba 1890-1920*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 14 e 15

vacinas e, principalmente, combater hábitos anti-higiênicos. Em suma, ordenar o espaço, disciplinar usos, controlar e regular hábitos”⁵.

São diversos os relatos dos habitantes da cidade a respeito dos novos e rápidos contornos sociais e urbanos que estavam caracterizando o cotidiano na capital do estado do Paraná. Berberi, em “Impressões”, expôs no início de seu trabalho uma crônica que encontrou no jornal “O Paraná”, publicada em 15/06/1910 por Higino, e que aqui iremos nos utilizar para demonstramos um pouco a respeito de como os habitantes da capital paranaense estavam sentindo as rápidas mudanças no cenário urbano. Esta crônica é um exemplo para demonstrar a inserção do estado do Paraná no contexto da modernidade:

(...) Ella era uma caboclinha rústica, de tez morena e olhos azues. Andava a errar pelas selvas sem fim, pelas mattas seculares, o corpo apenas abrigado em pelles brutas de animaes ferozes, os pés descalços, acostumados a pisar espinhos. Um dia encontraram-na assim homens da civilização, agarraram-na, cingiram-lhe o corpo d'uma belleza selvagem, e a arisca menina sentio a primeira revolta de seu pudor ofendido, que em ondas rubras lhe tingiram o rosto (...).

(...) Agora ela é altiva cortesã, a seductora princeza do Sul, a mulher que fascina, que tem encantos mil, que tem mil adoradores (...).⁶

⁵ DE BONI, ... p. 25

⁶ BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas do início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 5 e 6.

Contudo, não foram somente as transformações urbanas que caracterizaram esse momento da inserção de Curitiba na chamada modernidade. Um discurso com projeto de construção de uma nova identidade regional e nacional, a favor do novo sistema político, legitimava as transformações, pois o Paraná buscava a sua inclusão no cenário nacional. A efervescência intelectual curitibana foi um dos aspectos importantes para a definição dos parâmetros da construção da República brasileira nas discussões que envolveram o estado do Paraná. Assim, analisar a geração de intelectuais que disseminaram seus ideais em Curitiba na Primeira República é um dos fatores importantes desta pesquisa.

1.1 A intelectualidade da Primeira República em solo curitibano.

Os intelectuais eram os porta vozes da modernidade, “(...) o literato, é um elemento da sociedade moderna que se destaca e que conduz em direção ao progresso, como uma espécie de ‘iluminador’ da sociedade”.⁷

Embora fosse um período de conflitos, de imaginários variados, o final do século XIX e início do século XX foi um período rico em embates políticos, de defesa de idéias, de sonhos para a construção da nação brasileira. Eram diversos os discursos defendidos nos vários periódicos que circulavam na capital paranaense. Eram ideais advindos na sua grande maioria da Europa e que influenciaram os intelectuais desta terra. Eram conceitos, provenientes

⁷ BERBERI,... p. 65

do Neo-iluminismo carregado de racionalismo, idéias de progresso, ciência, liberdade de consciência; do Movimento Romântico responsável pelo nacionalismo; do Evolucionismo que ajudou a traçar grandes discussões a respeito de uma raça ideal para a nação; ou, até mesmo, do Ocultismo que influenciou grande parte dos literatos curitibanos quanto ao movimento simbolista. Porém, como define Carvalho em “Nestor Vitor: um intelectual e as idéias de seu tempo”, a respeito das concepções que circulavam no Brasil advindos de teóricos europeus, “no embate entre a diferença, a similitude e a originalidade, buscou-se compreender como tal ideário foi assimilado e modificado, em fins do século XIX e início deste, pelas classes letradas nacionais no afã de inserir-se nos moldes da modernidade”⁸

Os diversos periódicos que circulavam neste período são fontes a respeito das várias idéias e ideais defendidos em Curitiba. Assuntos como ensino leigo, liberdade de consciência, progresso, educação, anticlericalismo e entre outros assuntos preenchiam as folhas dos diversos jornais e revistas disseminados pela imprensa curitibana. Deste modo, MARCHETTE, ao escrever a respeito do movimento anticlerical curitibano, mostra que: “Sendo a palavra escrita, desde então, cada vez mais patrimônio comum da cultura escrita, popular ou erudita, ela tornou-se motor gerador de falas múltiplas, plurais, revelando pontos de vista e representações de mundo também múltiplas e plurais”.⁹ Havia assim, em Curitiba, um grande

⁸ CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as idéias do seu tempo. 1890-1930*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 02

⁹ MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos Galhos das Acácias: o movimento anticlerical em Curitiba. 1896-1912*. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1998. p. 18

panorama cultural-intelectual de discussões políticas, literárias e filosóficas. Deste modo, os portadores destas “falas múltiplas” tornaram-se responsáveis por um discurso relacionado ao progresso, para consolidar uma cultura nacional ligada aos ditames da modernização que se anunciava em território brasileiro.

Nesse cenário de agitação intelectual foram muitos os periódicos circulantes na cidade durante a Primeira República. Segundo Cordioli em seu trabalho, a respeito de Dario Vellozo, intitulado “A Gênese de um Idílio” afirma que “a versatilidade cultural era tanta que entre 1895 a 1910 se editou mais de 50 periódicos tratando de literatura, arte, ciências, espiritualismo e idéias”.¹⁰ Foram jornais e revistas de cunho político, alguns de divulgação do movimento simbolista, outros, de caráter esotérico, neopitagórico e maçom. Como exemplos podemos citar: *O Sapo*, *O Olho da Rua*, *O Paraná*, *Club Curitybano*, *O Cenáculo*, *Electra*, *A Escola*, *Esphynges*, *Ramo de Acácia*, *Myrto* e *Acácia*, entre outros.

Entre essa efervescência cultural concede-se um destaque ao Movimento Simbolista Paranaense, o segundo maior do Brasil, pois para Andrade Muricy entre as 29 revistas Simbolistas publicadas no país 16 foram publicadas em Curitiba¹¹. A maioria dos intelectuais que escreveram nos periódicos acima mencionados faziam parte desse movimento literário como Dario Vellozo, Silveira Neto, Antônio Braga, Rocha Pombo, Emiliano

¹⁰ CORDIOLLI, Marcos. *O olhar de um ponto diverso – as gênesis de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo (1890-1909)*. In: Projeto: *O Viver em uma sociedade urnaba-Curitiba 1890-1920*. Boletim do Departamento de História. Curitiba: UFPR, 1989. p. 10

¹¹ CORDIOLLI, ... p. 5

Perneta, entre muitos outros. Esses personagens eram quase unânimes quanto à defesa da república, sendo que a juventude desses intelectuais foi marcada pelo abolicionismo e caracterizavam-se por serem livres pensadores, anticlericais e, na grande maioria, maçons.

Nesse universo da intelectualidade curitibana para melhor construirmos esse imaginário colocaremos o literato Dario Vellozo como personagem desse ambiente descrito acima, pois ele foi agente da produção cultural da Primeira República na capital do Paraná. Destacando as suas particularidades como influência para outros literatos poderemos atingir outros níveis desta discussão, como é o caso do esoterismo, do neopitagorismo e até mesmo da dimensão diferenciada que acabou direcionando as discussões sócio-políticas, tanto pela defesa, como pela crítica.

1.2 Dario Vellozo: um intelectual e sua pluralidade

O final do século XIX e início do século XX ficou caracterizado pelas rápidas transformações sociais, políticas e econômicas devido aos avanços da técnica e da ciência; pelos novos fundamentos baseados na razão e na nova forma de produção calcada no trabalho mecanizado. Neste panorama, o homem encontrava-se angustiado, pois seu conhecimento e seu reconhecimento perante a sociedade haviam se fragmentado pela nova ordem mundial do trabalho.

Os diversos médicos, pedagogos, governantes, professores, literatos, que habitavam Curitiba neste período defendiam concepções positivistas, já que estas eram uma

das maiores insígnias do regime republicano que estava se constituindo em cenário nacional. A teoria adotada do Positivismo na formação do republicanismo brasileiro foi, principalmente, o progresso, porém a ciência e a razão como expoentes máximos da vida moderna foram criticadas e vistas de outras formas, como, por exemplo, pelo intelectual, “naturalizado” curitibano, Dario Vellozo. Este intelectual, através de sua obra literária, legou-nos a sua visão de mundo perante a vida e ao pensamento da “modernidade” que circulava na capital paranaense.

Dario Vellozo nasceu no Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1869 e mudou-se para Curitiba aos 16 anos na companhia de seu pai e irmão e fez deste estado o seu “lar”, onde defendeu, perante os novos traços da república, o lugar do estado no cenário nacional. Sempre esteve relacionado ao mundo da imprensa e da literatura. Seu primeiro emprego, ainda no Rio de Janeiro, foi como aprendiz de encardenedor e posteriormente tipógrafo, e quando se mudou para a capital do Paraná continuou seu trabalho no jornal “Dezenove de Dezembro”. Na juventude, foi um grande leitor dos românticos como Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias. Com seus amigos, (como, por exemplo, Júlio Pernetta) fazia reuniões na biblioteca de sua casa para ler e discutir diversos literatos. O seu primeiro órgão de produção escrita foi *O Mosqueteiro* que resultou da união do grupo de mesmo nome do periódico, pois Vellozo e seus amigos encontravam-se em sua casa para apreciar a esgrima e ler os poetas românticos. Podemos assim colocar o personagem desta história, Dario Persiano de Castro Vellozo, como um

homem que sempre viveu em um mundo de leituras, já que existem relatos sobre “(...) a bibliotheca do philosopho, que reúne a mais admirável coleção de grandes obras de que se pode orgulhar Curitiba”¹².

A partir da década de 1890 foi que este intelectual tornou-se mais ativo no pensamento paranaense, pois começou a escrever para a revista *Club Curitibano*, sendo que um ano antes, em 1889, publicou o seu primeiro livro de poesias intitulado *Primeiros Ensaios*. Após iniciar sua carreira na revista *Club Curitibano* sempre esteve relacionado à periódicos. Escreveu para a revista *O Cenáculo*, também foi responsável pela revista *Esphynges* de caráter esotérico, relacionada à maçonaria; foi colaborador e redator da Revista *Escola*, um órgão do grêmio dos professores na qual disseminou as suas idéias enquanto educador. Além da *Esphynges* também editou outras revistas relacionadas ao esoterismo, ao pitagorismo, ao estudo teosófico principalmente ligados ao INP como *Ramo*

de Acácia, Mirto e Acácia, Luz de Crotona e a *Lâmpada* que o Instituto Neo Pitagórico edita até os dias de hoje.

Uma das maiores influências literárias sobre Dario Vellozo ocorreu em 1892 quando tomou contato com as idéias literárias belgas e francesas que João da Cunha Itiberê trouxe em sua bagagem quando retornou da Europa. Essas idéias caracterizavam o movimento literário e artístico do Simbolismo e toda uma gama de autores ligados ao esoterismo. Este fato caracterizou não somente as idéias gerais do intelectual em questão, como também delineou o próprio ambiente intelectual curitibano.

¹² SILVEIRA, Tasso da. *Dario Vellozo: Perfil Espiritual*. Curitiba, 1921 p. 16

Como fruto das transformações inauguradas com a chamada “modernidade”, o movimento simbolista caracterizava-se por uma certa crítica que fazia ao racionalismo, ao cientificismo e aos reflexos da Revolução Industrial, representando-se “como fuga do mundo destituído de sentido”¹³.

No estado do Paraná, um dos principais representantes do simbolismo foi Dario Vellozo. Nas reuniões que ocorriam em sua biblioteca surgiu o primeiro periódico do Movimento Simbolista Paranaense: a revista *O Cenáculo* publicada pela primeira vez em abril de 1895. Através da união de Dario Vellozo, Silveira Neto, Julio Pernetta e Antonio Braga começou a publicação desta revista que “(...) era a mensagem da inteligência paranaense levada aos recantos mais longínquos do Brasil”¹⁴. De caráter “científico-literário” segundo os próprios editores do periódico, participaram das publicações colaboradores como Emiliano Pernetta, Emílio de Menezes, João Itiberê, Leônicio Correia, Rocha Pombo, Vicente Machado, Victor do Amaral e outros. Algumas revistas deram continuidade à publicação de textos simbolistas como foi o caso da revista “Fanal” que chegou até a ser conhecida como “órgão do novo Cenáculo” devido à conformidade com a primeira revista de caráter simbolista.

O Movimento Simbolista no Paraná, e no Brasil, imbuído de sonhos, de mudanças no cenário social, não conseguiu fazer o que idealizara, porém “serviu como movimento semeador de novas idéias e sensações propiciando o surgimento da geração que inflamou a época

¹³ CARVALHO,... p. 45

¹⁴ SILVEIRA,... p. 10

do modernismo”¹⁵.

Este movimento literário paranaense teve grande expressão nacional, “não somente pela qualidade ou quantidade do movimento, mas pela sua diferença”¹⁶. Os ideais do simbolismo faziam parte do pensamento de Dario para a construção de uma nação mais “humana”, principalmente pela influência esotérica somada à simbolista. Este personagem foi um grande ocultista sendo diversos os literatos ocultistas europeus lidos por ele, chegando até a ser discípulo de Papus¹⁷, recebendo, em 1905, na França, o diploma de conhecimentos ocultistas. Como resultado de suas concepções do Movimento Simbolista e do Ocultismo, fundou em 1909 o Instituto Neo-Pitagórico, cujo principal intuito seria, nas próprias palavras de Dario Vellozo, o de “criar contra-corrente a dissolução moral que avassala a sociedade contemporânea, formando células conscientes da sociedade futura”¹⁸.

Neste ambiente os poetas simbolistas e alunos de Dario Vellozo do Ginásio Paranaense e da Escola Normal discutiram e sonharam a respeito da construção da nação brasileira, de seus papéis enquanto livre pensadores e aguçaram as suas críticas quanto ao anticlericalismo e além de constituírem uma fraternidade em um ambiente

¹⁵ CARVALHO,... pg. 65

¹⁶ CORDIOLLI,... p. 13

¹⁷ Papus (1865-1917) tornou-se bastante conhecido entre os esotéricos devido à escola ocultista que criou. Iniciou a sua carreira como médico, mas foi como ocultistas, hermetista, alquimista e terapeuta que se destacou. Uma de suas principais obras, publicada em 1903, chama-se *Tratado de Ciências Ocultas*. O nome que adotou é pseudônimo de Gérard Encausse; e embora seja espanhol passou praticamente toda a sua vida na França.

¹⁸ CORDIOLLI,... p. 16

filosófico e místico.

O Instituto foi principalmente inspirado na Escola de Crotona, fundada na Grécia Antiga por Pitágoras, “destinava-se ao estudo, ao desenvolvimento das faculdades superiores do ser, ao altruísmo, inspirado nos VERSOS DE OURO de Pitágoras, para a Cultura, para a Verdade, para a Justiça, para a Liberdade, para a Paz, para a fraternidade e para a Harmonia”¹⁹.

Deste culto ao passado helênico, Dario Vellozo promoveu alguns acontecimentos que rememoravam a antiga civilização grega como é o caso da “Festa da Primavera”. A primeira festa ocorreu em 1911 e era composta por desfiles, presença de musas, jogos de futebol, jogos olímpicos, declamações de poesias e homenagem à natureza. A própria sede do INP, construída em 1918, intitulada “O Templo das Musas”, existente até hoje, demonstra a paixão deste intelectual pela Grécia Antiga.²⁰

Ao falarmos deste intelectual podemos imaginá-lo como um militante no campo das idéias. Defendia uma produção escrita bem refletida frente ao cosmopolitismo que a capital federal exercia sobre os seus colegas. Chamando, por este motivo, os literatos paranaenses a construir um terreno fértil no campo cultural, pois acreditava que com as exclusivas contribuições formariam uma identidade nacional através da produção regional.

¹⁹ MARCHETTE, ... p. 18.

²⁰ Em 23 de agosto de 1987 ocorreu um incêndio no Instituto Neo-Pitagórico. Foram destruídos pelo fogo obras de arte, o mobiliário, arquivos e a biblioteca, na qual foram perdidos exemplares raros de enciclopédias e literaturas de autores nacionais e internacionais. Como disse o presidente do Instituto, o Sr. Rosala Garsuzi, ao jornal Gazeta do Povo no dia 11 de março de 1988, “Quase nada restou do acervo acumulado durante mais de um século, selecionado por Dario Vellozo”.

A produção literária de Dario Vellozo vai muito além da poesia simbolista e do esoterismo. Suas obras literárias, principalmente as denominadas “obras polêmicas” nos deixaram registros a respeito de suas idéias quanto à educação como é o caso de seu livro *Lições de História* de 1903 e *Compêndio de Pedagogia* de 1907 e em defesa do livre pensamento, como são algumas obras relacionadas ao movimento anti-clerical como *Moral dos Jesuítas* de 1908 e *Voltaire* de 1905. Em seus diversos artigos para periódicos (pois sempre esteve vinculado à produção em jornais e revistas) exaltava o regime republicano. Este intelectual fazia discursos exaltados em defesa da república. Florianista fervoroso defendia o ensino cívico, pois “a educação cívica era o suporte para conceder ao Brasil louvores de amor à pátria, tornar cidadãos conscientes; exaltar o futuro Brasil Republicano”²¹. Concebia na figura do jovem o futuro da nação, por isso a necessidade de uma educação leiga onde a instrução seria dever público para formar o jovem à favor do Estado.

Condenava o ensino religioso, pois defendia a liberdade de consciência, reprovava o dogma porque “sem sentimento de autonomia, não há pátria; sem pátria, não há lar; sem lar não há família, não há moral, não há progresso, não há civilização, não há ideais”²². O Estado representado pelo regime republicano era considerado como o fator que “emancipa a consciência”, por isso, o poder político que representa a nação não poderia estar relacionado a

²¹ VELLOZO, Dario. *Da Tribuna à Imprensa*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969.. p. 228

²² VELLOZO,... p. 221

nenhuma religião ou seita; a religião era função da educação familiar, por isso a importância da figura materna na educação do jovem. A autonomia da nação dependia, além do ensino cívico, também da unificação territorial e da união das três raças, pois o intelectual acreditava que a característica do povo seria o próprio valor moral, a própria cultura nacional.

Dario Vellozo temia a rápida expansão moderna europeia diante da nação que ainda estava a solidificar-se, pois tinha medo que os europeus denegrissem a cultura e autonomia nacionais. Acreditava que “o brasileiro só se tornará brasileiro não copiando as grandezas e vícios da Europa, mas quando aproveitar seus elementos étnicos assimilando do outro alguma coisa que lhe falte, mas sem perder a sua fisionomia”²³.

Quanto à questão da história, que segundo Franklin Baumer em “O Pensamento Europeu Moderno”, havia se tornado “a rainha das ciências” com as teorias do século XIX, Dario acreditava em uma história evolutiva através dos séculos que tinha no culto aos heróis uma das formas de dignificar a pátria; podendo entender no culto aos mortos a forma de construção de memória da nação. Em suas palavras, “pelo culto aos mortos o Homem perpetua o Passado; na mansão dos mortos recebem os vivos dignificantes ensinamentos”.²⁴ Dando seqüência a sua fala, “Augusto Comte soube nitidizar belamente a lição tradicional dos antigos mistérios que filósofos helenos repetiram e gravaram, em luminosa frase de vibrações nítidas:

²³ VELLOZO,... p. 256

²⁴ VELLOZO,...p. 270

Os vivos são cada vez mais e sempre governados pelos mortos”²⁵. Essa sua última citação nos leva a pensar que Augusto Comte fazia parte também do mundo de leituras deste intelectual e de que ele participava de algumas idéias relacionadas ao Positivismo.

Ainda sobre a sua concepção de história, através do “culto aos heróis”, acreditava, que os contemporâneos poderiam glorificar os feitos ocorridos na pátria com relação ao progresso e à ciência. Por meio deste conhecimento poder-se-ia percorrer um caminho seguro para guiar a humanidade. Essa questão a respeito da história é influência do movimento Romântico europeu, pois o princípio da história para os românticos estava associado à questão de “(...) venerar os seus antepassados mais do que a lamentá-los, a ver na nação histórica, uma sociedade com a qual se podiam identificar mesmo enquanto crescia”.²⁶ Essa volta ao passado, além da história nacional brasileira, no caso de Vellozo, podemos também relacionar ao seu apego à Grécia que para ele seria o estado perfeito de sociedade.

Como os intelectuais brasileiros, através de suas leituras de autores europeus informavam-se e formavam suas concepções e visões de mundo com relação à pátria brasileira, podemos destacar algumas influências em Dario das filosofias do século XIX que se caracterizavam por um eterno devir, pela projeção no futuro. O movimento Romântico e o Neo Iluminista influenciaram muito o intelectual em questão com relação à formação da pátria brasileira.

²⁵ VELLOZO,... p. 270

²⁶ BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Vol. II – séc. XIX e XX. p.51

Uma das teorias principais que Dario Vellozo recebeu de suas leituras de teóricos românticos foi a questão do Nacionalismo. Encarar o Estado como unidade moral, como guia cultural, no qual o individualismo (que para Dario poderíamos pensar em termos de regionalismo) viria através da união das partes para formar o Estado com características próprias. A utopia com relação ao futuro das nações com a crítica pela justiça e liberdade social é um dos fatos marcantes com relação à influência romântica sobre o intelectual Dario Vellozo.

Do Neo-iluminismo ele apropriou-se das noções de progresso nacional, de livre pensamento, de crítica à Igreja e entre outros conceitos. A crença na humanidade, a desmistificação do cristianismo, a fé no conhecimento, na ciência são outros princípios que tiveram impacto sobre a visão de mundo de Dario Vellozo; que em suas próprias palavras, “seria aquela que não exclui o Amor, que materializa o belo, que não traça limites à mentalidade”.²⁷ Dario Vellozo defendeu essas idéias, sonhos, pensamentos em diversos periódicos e livros. Podemos, através dos jornais e revistas que escreveu, ter uma noção das concepções e visões de mundo desse intelectual que viveu em Curitiba até 1937, ano de seu falecimento. Visões de mundo que ele disseminou na provinciana capital do Estado do Paraná na Primeira República. Provavelmente, criou imaginários em seus leitores, pois “Quando um mundo, um presente se constrói, uma infinidade de outros são abordados”.²⁸

E foi, através de artigos que escreveu para diversos

²⁷ CORDIOLLI,...p. 16

²⁸ CORDIOLLI,... p. 08

periódicos, que conseguimos apreender algumas de suas idéias quanto a formação de uma etnia brasileira responsável pelas características da identidade nacional. Contudo, para podermos escrever a respeito da concepção racial de Dario Vellozo faz-se necessário incluí-lo no âmbito das discussões étnicas em escala nacional. Desta forma, trataremos a respeito das discussões de raça no próximo capítulo.

2. DARIO VELLOZO E A SUA CONCEPÇÃO DE RAÇA NACIONAL

Dario Vellozo entre os vários assuntos que escreveu, principalmente em seus artigos para jornais, defendeu teorias para a construção nacional. Entre o seu ideário a respeito da nacionalidade brasileira, além da questão da educação cívica, da geografia, e da defesa do republicanismo como regime político, estava a sua teoria a respeito da etnia brasileira. Porém, se analisarmos os conceitos de raça em Dario Vellozo, verificaremos que essa discussão faz parte de um panorama muito mais amplo.

A intelectualidade brasileira, assim como o intelectual paranaense em questão, nas três últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, estava debatendo as questões sociais do país. As idéias quanto à raça brasileira tomaram proporções grandiosas nos debates nacionais que vão desde as regiões deslocadas do centro econômico do Brasil como a região norte e nordeste chegando à região sudeste, centro das decisões

políticas e econômicas do momento. Diversos conceitos quanto à idéia de raça foram derivados da noção de miscigenação entre as três raças existentes no país (a indígena, a africana e a européia), materializando a idéia de mestiçagem.

Devido à beleza natural do Brasil e à diversidade das raças, muitos viajantes europeus vieram para o país para registrar a situação nacional de acordo com os modelos científicos do momento que tinham no naturalismo e no determinismo as principais teorias de análise. Nessas teorias a miscigenação e o próprio meio ambiente brasileiro eram vistos pelos estrangeiros ora como atraso, ora como inviabilidade de se constituir uma nação brasileira.

Os conceitos a respeito da teoria racial foram doutrinas européias adotadas em solo brasileiro. Através das leituras escolhidas pelo meio intelectual nacional as teorias relacionadas à influência do meio e da raça na formação de uma nação fizeram parte do discurso dos letrados brasileiros que assumiram o compromisso de estabelecer os traços da construção da jovem nação.

Mas, para podermos discutir a respeito das idéias que permeavam as discussões nacionais e enfocando principalmente Dario Vellozo neste panorama da construção da identidade brasileira, vamos resgatar um pouco a respeito dos debates ocorridos no continente europeu. Porque, através do conhecimento da raiz de tais teorias poderemos também, ao longo deste capítulo, entender como tais teorias e doutrinas foram adotadas e adaptadas pelos intelectuais na condição nacional brasileira.

2.1 Europa: o berço das teorias raciais brasileiras

As teorias raciais que tanto permearam as discussões no século XIX na Europa e, posteriormente, no Brasil, foram herança do Movimento Iluminista do século XVIII. Para termos como parâmetro desta discussão podemos esclarecer as idéias de dois filósofos do iluminismo: Rousseau e Montesquieu. Ambos seguiram caminhos diversos no que defenderam, veremos que Montesquieu foi o iluminista que mais influenciou o determinismo e as análises naturalistas decorrentes no século XIX.

Rousseau defendia a superioridade do homem “selvagem” em relação ao civilizado europeu. As idéias que imperaram na Europa do século XIX são totalmente o inverso do que proclamou este filósofo iluminista. Ele “pensou o homem natural de forma abstrata, como ser isolado, anterior à instituição do contrato social e da desigualdade entre os homens. Próximo do estado natural, o selvagem é visto como alternativa ao homem civilizado, vítima da degradação do Ocidente (...)”.²⁹ Assim, pensava a liberdade e a igualdade naturais ao homem. De forma oposta a Rousseau, Montesquieu tinha sua análise social relacionada aos tipos de sociedade e suas regras. Seu modelo de pensar a sociedade está relacionado ao meio, principalmente ao clima. Através da influência do clima sobre os diversos povos afirmava que os homens das regiões mais quentes tinham maiores pretensões quanto à escravidão do que os que

²⁹ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil – 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.23

viviam em climas frios como a Europa. “A escravidão, a poligamia e o despotismo resultam, na sua visão, da apatia geral dos habitantes dos climas quentes, em que o calor traria o “relaxamento” das fibras nervosas. Com isso, o indivíduo perderia toda a força e vitalidade, seu espírito ficaria abatido, entregue à preguiça e à ausência de curiosidade”³⁰.

Essas teorias defendidas por Montesquieu, que se enquadravam como modelo de análise da América, influenciaram alguns teóricos do final do século XVIII que acrescentaram alguns elementos na discussão da influência do meio sobre as nações tropicais. Buffon e De Pauw são dois teóricos que abordaremos e que deram continuidade ao pensamento “determinista” quanto ao clima de países não situados na zona climática temperada, como é o caso da América.

Buffon foi um dos responsáveis pela formação da antropologia e da ciência geral do homem do final do século XVIII. Suas idéias caracterizavam-se pela “carência” do continente americano, demarcando uma visão negativa da América. Essa visão negativa está fundamentada na sua concepção de que os habitantes da América “estariam em estado selvagem, com vida dispersa e errante, impedidos de vencer a natureza e se aperfeiçoar”.³¹ Já De Pauw, totalmente contrário ao “bom selvagem” de Rousseau, acreditava que os habitantes de climas quentes, como os americanos, são um povo sem história, impossíveis de saírem de seu estado

³⁰ VENTURA... p.20

³¹ VENTURA... p.22

de selvageria. Defendia a degeneração dos animais, das plantas, dos americanos, inclusive dos descendentes de europeus nascidos na zona climática tropical. Portanto, tanto Buffon como De Pauw, herdeiros das idéias de Montesquieu e contrários a Rousseau, defendiam as nações européias totalmente passíveis de serem civilizadas e negavam essa condição aos americanos baseados no estudo do meio natural.

Os intelectuais do século XIX, herdeiros de tais discussões, desenvolveram teorias que são resquícios do “século das luzes” sendo, além disso, fruto do próprio século em que viviam calcados na “fé da ciência”. Nesse sentido, uma das grandes discussões do século XIX quanto à questão racial foi à origem do homem. Duas teorias foram defendidas por aqueles que discutiram sobre o tema: o monogenismo e o poligenismo.

Os adeptos do monogenismo defendiam a uma criação do homem baseado nos pressupostos da Bíblia. Esta concepção foi dominante até o século XIX e esclarecia a diferença étnica entre os homens a partir de uma maior ou menor perfeição a partir da proximidade com o Éden. Já a teoria poligenista foi predominante no século XIX e foi reflexo das estruturas científicas calcadas na análise das ciências biológicas. A maioria dos homens ligados ao pensamento científico defendia o poligenismo, pois esta teoria estava relacionada à dessacralização do saber opondo-se ao pensamento religioso. Além disso, foi o fator de fortalecimento para analisar o comportamento humano através de conceitos biológicos; esse é o caso dos estudos de frenologia

e de antropometria³². Essas teorias foram responsáveis por analisar e interpretar a capacidade humana levando em consideração o tamanho e a proporção do cérebro das diferentes etnias. Podemos verificar a predominância desses modelos de análise com a sua utilização na área criminal e na criação de museus e até jogos baseados nos estudos da frenologia.

Assim, o exame da antropologia, inicialmente, estava relacionado ao estudo do poligenismo e concentrada nas análises das ciências biológicas. Porém, a etnologia ficou relacionada aos pressupostos do monogenismo que, de certa forma, defendia o aprimoramento das raças, em oposição à análise antropológica que considerava a sua imutabilidade.

Porém, o que se estabeleceu como verdadeiro paradigma de análise para as diversas ciências foi a teoria de evolução de Charles Darwin. Com a publicação de *A Origem das Espécies* em 1859 as disputas entre o poligenismo e do monogenismo amenizaram-se; pois foram influenciadas pelas teorias de evolução de Darwin, já que o evolucionismo passou a fazer parte de seus modelos de explicação. Contudo, não foi só o embate entre mono e poligenistas que foi incrementado pelas teorias da evolução. As ciências sociais também aplicaram explicações culturais e políticas as influências do evolucionismo. “Conceitos como ‘competição’, ‘seleção do mais forte’, ‘evolução’ e ‘hereditariedade’ passavam a ser aplicados aos

³² Frenologia era a técnica utilizada para estudo do caráter e das funções intelectuais do homem, baseada na conformação do crânio. A antropometria, utilizada para a mesma função que a frenologia era o estudo das dimensões das diversas partes do corpo humano.

mais variados ramos do conhecimento”³³ como a psicologia, a sociologia, a história, a lingüística, a pedagogia e entre outras. E foi nesse contexto que análises através da miscigenação racial ganharam força nas teorias européias, relacionando a questão do hibridismo à degeneração das raças. Assim, o paradigma do evolucionismo permeou diferentes interpretações relativas à questão da raça fundamentada em duas escolas principais: a antropologia cultural ou etnologia social e os darwinistas sociais.

Os antropólogos sociais, também chamados de evolucionistas sociais, defendiam que toda a humanidade era passível de evolução, mas as diferentes sociedades estariam em estágios distintos de desenvolvimento. Porém, necessariamente todas as nações alcançariam o seu progresso já que este era obrigatório a todos os povos. Este determinismo estava relacionado à antiga teoria monogenista, pois afirmava uma única origem para a humanidade.

Mutuamente, passaram a figurar entre o mundo das idéias européias do século XIX, e também frutos do evolucionismo, outros dois determinismos: o geográfico e o racial (também denominado determinismo social). O primeiro está relacionado ao meio. Ratzel e Buckle, os principais defensores desta corrente prendiam-se às condições físicas de análise de determinada nação. Já o segundo torna-se muito importante para este trabalho, pois é o modelo que mais influenciou e foi responsável pelos diversos discursos que permearam os debates sociais, culturais e

³³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.56

políticos no Brasil durante as décadas finais do século XIX e início do século XX. Neste determinismo – o darwinismo social – a miscigenação foi encarada como erro, pois era relacionada às antigas propostas dos poligenistas de que as raças eram imutáveis, e que todo cruzamento racial era visto como forma de degeneração. Esta teoria fundamentava o determinismo europeu perante os países com grande número de sua população mestiça já que enaltecia os “tipos puros” e condenava a miscigenação. Deste modo, para este grupo, “o progresso estaria restrito às sociedades ‘puras’, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória”.³⁴ Assim, acreditavam em espécies humanas diferentes na qual a potência de cada raça era diversa, sendo que umas caminhariam para a civilização, para o progresso e outras, as miscigenadas, para a degeneração.

Na verdade, muito provavelmente, essas teorias serviam para ser empregadas entre as nações, como forma de legitimação de dominação de umas perante as outras. Também podemos notar que explicações antes relacionadas somente aos estudos da biologia acabaram por fazer parte de análises do meio social, cultural e político.

No Brasil, essas teorias fizeram parte de acirradas discussões entre a intelectualidade nacional que estava fundamentando a construção da nação brasileira. De tal modo, veremos como tais discursos foram apropriados em “terras tupiniquins” em termos de análise racial, não somente como é para a biologia, mas, e principalmente, relacionado à própria hierarquia que existia no país entre

³⁴ SCHWARCZ... p.61

brancos, negros, índios e mestiços, já que aqui a miscigenação é e foi a grande característica física da população nacional.

2.2 Brasil: país degenerado ou passível de civilização?

Foi a partir da década de 1870 que um ideário positivo-evolucionista introduziu-se nos meios intelectuais do Brasil, sendo que nesta concepção os modelos raciais de análise social, cultural e política têm grande destaque. Contudo, vamos voltar para a primeira metade do século XIX quando muitos viajantes europeus vieram para terras brasileiras para estudar a fauna e a flora e que mesmo assim, são diversos os relatos quanto à mestiçagem do local. Alguns desses viajantes deixaram registros quanto à percepção desta terra que aguçava o sentido de imaginação e foram os responsáveis por submeter, primeiramente, o território brasileiro às análises naturalistas e deterministas.

Como exemplo podemos utilizar Friedrich von Martius que realizou juntamente com Johann Baptist von Spix uma viagem de exploração pelo país entre 1817 a 1820. Martius, juntamente com Denis e Wolf (dois viajantes estrangeiros que deixaram várias de suas impressões quanto a imaginação e sensualidade que a natureza tropical lhes despertava), foram responsáveis “pela introdução dos critérios naturalistas, de análise do meio e da raça, na historiografia brasileira, com a dissertação apresentada por Martius, em 1845, ao Instituto Histórico Geográfico

Brasileiro 'Como se deve escrever a História do Brasil'. Esses critérios foram retomados por Francisco Adolfo de Varnhagen na 'História Geral do Brasil' (1855) e por Sílvio Romero na História da Literatura Brasileira (1888)".³⁵

Para a maioria dos viajantes europeus, a beleza natural do país tropical era exaltada em detrimento do desampontamento da sociedade local, devido ao contraste com o meio europeu e principalmente com a miscigenação da população. A paisagem paradisíaca era vista como um local de abstração onde os estrangeiros perdiam-se no tempo histórico e na sociedade. Mas, os intelectuais brasileiros procuravam pensar através deste mesmo meio natural, visto pelos estrangeiros como a-histórico, um projeto de construção de uma história nacional. Essa história estaria relacionada a evidenciar o caráter social e cultural em direção à civilização, fato esse negado pelos estrangeiros que viam no Brasil os aspectos da selvageria, de uma sociedade degenerada, através das análises deterministas e evolucionistas.

Os intelectuais, para legitimarem a nação, viam-se frente ao discurso europeu e a sua realidade tida como exótica, tornando assim, o meio europeu idealizado, sonhado pelos brasileiros. Para melhor esclarecer, nas palavras de Roberto Ventura, "a partir da idealização das metrópoles, uma espécie de auto-exotismo, em que o intelectual periférico percebe a realidade que o circunda como 'exótica'. O exotismo permite, por um lado, o distanciamento ante os costumes da própria sociedade, trazendo um olhar antropológico. Por outro, introduz

³⁵ VENTURA... p.30

negatividade na sua auto-representação, que leva à visão etnocêntrica das culturas populares de origem africana, indígena ou mista”.³⁶ Assim, podemos entender como será exposto no decorrer deste texto o por que de “olhares” diferenciados e críticos perante a miscigenação encarada como problema por alguns e como expressão nacional por outros. Por isso, os modelos deterministas que passaram a entrar em vigor no Brasil em meados da década de 1870 foram interpretados de forma a enquadrar o Brasil nessas teorias adaptando o que era possível e descartando os conceitos que não estavam relacionados às explicações do território nacional.

Mas, por estarem presos aos padrões de análise marcados pelo determinismo e pelo naturalismo, esses intelectuais acabaram por eleger somente uma forma de percepção da realidade nacional ligada à ação dos fatores naturais, “tais como o clima, o meio, a natureza, a mestiçagem e o caráter; e o colocam, em segundo plano, os conflitos culturais e a singularidade histórica dos objetos enfocados”.³⁷ E é justamente através deste olhar por parte dos intelectuais que o positivismo, o evolucionismo e o racismo foram bem aceitos através de suas leituras.

Esses intelectuais que defenderam seus conceitos a respeito do Brasil segundo as análises naturalistas e deterministas, principalmente racista, fundaram esse debate geralmente ligados a instituições de saberes. Muitos deles estavam relacionados a museus, como por exemplo, o Museu Nacional no Rio de Janeiro, o Museu Paulista

³⁶ VENTURA... p.38 e 39

³⁷ VENTURA... p.40

em São Paulo e o Museu Goeldi no Pará; aos Institutos Históricos e Geográficos; ou até mesmo aos cursos de direito e de medicina. Os “homens de letras” ou de “sciencia”³⁸, ligados às suas áreas de atuação no “universo científico”, incubiram-se de analisar a estrutura social, cultural e política através do olhar determinista racista, fundando um modo peculiar de estudar as questões nacionais.

Ao examinar a produção de cada instituição podemos ter uma idéia de como os conceitos deterministas raciais e evolucionistas tomaram conta do pensamento intelectual no final do século XIX e início do século XX. Vejamos o caso dos museus acima mencionados.

Geralmente associados à imagem do cientista-curador do museu, essas instituições adotaram a análise evolucionista social no Brasil tendo como parâmetros a fauna e a flora brasileira. Porém, o evolucionismo adotado conjugava-se ao poligenismo e às teorias de progresso, no qual todos os povos passariam pelos mesmos estágios rumo à civilização; unindo duas teorias contrárias. Embora concentrassem os seus critérios de análise na biologia e não na antropologia como forma de exame social, para essas instituições estudar o “homem primitivo” brasileiro, relacionado ao indígena, não era muito diferente de analisar a flora e a fauna brasileira. “(...) Os museus buscaram, mesmo que de forma específica, discutir o homem brasileiro. Partindo da flora e da fauna para chegar ao homem, ao recolher, analisar, classificar, hierarquizar e expor, os museus pretenderam trazer um

³⁸ “Homens de ciência” foi como Lilia Moritz Schwartz denominou os intelectuais ligados às instituições de saber do Brasil entre 1870-1930 por terem adquirido tal representação no meio social brasileiro.

pouco de ciência e ordem a esse meio tão carente de produções intelectuais dessa categoria”.³⁹ Viviam assim, em um contexto ambíguo, onde as idéias importadas da Europa não serviam como modelo de análise para o Brasil a partir do momento que o discurso produzido no interior dos museus tentava legitimar a construção de uma nação. Desta forma, podemos explicar o porquê da adoção de duas teorias contrárias para explicar a condição miscigenada do país. Mas, o importante é destacarmos que essas instituições foram responsáveis por divulgar as teorias científicas racionais de análise que guiavam os futuros incertos da nação brasileira.

Além dos museus, os Institutos Históricos e Geográficos cumpriram papel semelhante. Entretanto, estes centros eram responsáveis por “produzir” uma memória, uma história, um passado para consolidar a jovem nação. Além de o discurso salientar a classe dominante, as falas estavam também relacionadas às características políticas regionais, mesmo que, teoricamente, tivessem a intenção de um panorama geral. Mesmo assim, acabaram por criar personagens e fatos para explicar a história brasileira. “Escrever a história do Brasil pareceu significar trazer para foros de competência científica uma representação do país.”⁴⁰ Nessa construção da história brasileira as teorias raciais serviram para legitimar a figura do branco europeu no cenário nacional. Neste sentido podemos notar como ocorreu nos museus que a forma de apropriação de idéias européias foram adotadas à “brasileiridade”. “(...) Teoria

³⁹ SCHWARCZ... p.91

⁴⁰ SCHWARCZ... p.134

evolucionista e monogenismo apareciam ao lado dos pressupostos darwinistas sociais e poligenistas, como se modelos originalmente excludentes pudessem ser mesclados. Com as conclusões evolucionistas, justificava-se o domínio branco e a hierarquia social rígida. Utilizando um darwinismo sócio-biológico, explicava-se o 'natural branqueamento' da população. Mas eram as teorias deterministas raciais que ajudavam a comprovar um certo atraso, ou condenavam a mistura racial no país".⁴¹ Assim, como podemos notar, os modelos deterministas serviam como base para se pensar a realidade brasileira, porém a forma adotada dependia das interpretações que divergiam do padrão teórico determinista europeu.

Mas, foi com as faculdades de direito e de medicina que as teorias deterministas, como o evolucionismo e o darwinismo social, adquiriram análise relacionada ao meio social como veremos nas discussões quanto leis e à aplicação da medicina quanto à higienização.

Com relação às faculdades de direito podemos destacar duas que foram as primeiras do Brasil: a de Recife e a de São Paulo. As faculdades de direito cumpriam um papel de formar "uma elite independente e desvinculada dos laços culturais que nos prediam à metrópole europeia. Estas (...) se responsabilizariam pelo desenvolvimento de um pensamento próprio e dariam à nação uma nova Constituição".⁴²

Essas faculdades foram responsáveis pela guinada do pensamento brasileiro a partir da década de 1870.

⁴¹ SCHWARCZ... p.137

⁴² SCHWARCZ... p.142

Obras dos principais defensores do evolucionismo como Buckle, Spencer, Darwin, Le Play, Le Bon, Gobineau e entre outros foram lidas pelos nossos intelectuais nesse momento. Assim, uma noção científica foi construída com relação ao direito, através das leituras desses filósofos europeus. Estando desta forma, relacionada ao mundo científico que os professores e alunos da faculdade de Recife estavam vivendo, inserindo nas teorias do direito, critérios da biologia, do naturalismo e dos determinismos raciais. Além disso, as teorias do direito viam-se condicionadas a guiar a nação rumo ao progresso e à civilização através de um pensamento evolucionista. Uma das aplicações do direito influenciadas pela ciência é o caso da antropologia criminal.

A antropologia criminal estava relacionada não à análise do crime e sim do criminoso através dos exames físicos, antropológicos e sociais. “Nesse tipo de teoria, nas características físicas de um povo é que se conheciam e reconheciam a criminalidade, a loucura, as potencialidades e os fracassos de um país”.⁴³ Esse modelo levou à indagação de alguns intelectuais do direito quanto ao futuro da nação; se o Brasil, pela miscigenação, estava fadado a ser um país de criminosos.

Ao examinarmos as diferenças entre as faculdades de Direito de Recife e de São Paulo podemos ter um panorama a respeito das discussões que permearam essas duas instituições. Em Recife predominaram as teorias deterministas, sendo que os conceitos criminais foram relacionados ao estudo da antropologia física do indivíduo

⁴³ SCHWARCZ... p.167

com a frenologia; já em São Paulo houve uma disputa mais distante das ciências biológicas. “Na Escola de Recife um modelo claramente determinista dominava, em São Paulo um liberalismo de fachada, cartão de visitas para questões de cunho oficial, convivia com um discurso racial, prontamente associado quando se tratava de defender hierarquias, explicar desigualdades”.⁴⁴

Porém, para ambas escolas o problema da miscigenação no Brasil que impedia, segundo o modelo evolucionista, o progresso e a civilização, poderia ser contornado através do cruzamento moderado entre as raças, pois muitos acreditavam que o branqueamento gradual da população.

Como últimas instituições analisadas, as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro são de grande valia para fecharmos esta contextualização. Na verdade as questões da degeneração e da doença foram explicadas nessas faculdades como causa da miscigenação; esta responsável pela loucura, pelas epidemias e pela criminalidade. A sociedade brasileira era encarada pelos cientistas da medicina como enferma na qual o médico teria papel primordial na cura social que ocorreria através da higienização. “Não se trata de pensar no indivíduo, mas na ‘coletividade’, na nação enfraquecida e carente de intervenção”.⁴⁵ Os médicos encaravam a sua profissão como forma de curar a sociedade doente e degenerada devido à união das três etnias. Assim, podemos entender a higienização das cidades como resultado das

⁴⁴ SCHWARCZ... p.186

⁴⁵ SCHWARCZ... p.200

análises deterministas realizadas pelos médicos. Sanear era a palavra de ordem para evitar possíveis doenças que tinham as suas causas explicadas pela miscigenação.

O discurso da eugenia teve forte impulso nas duas escolas de medicina. A eugenia consistia em acabar com os males provenientes da miscigenação. Visava a “perfectibilidade” do homem através da educação do instinto sexual, e da defesa da relação sexual entre sãos, impedindo que os degenerados como alcoólatras e tuberculosos perpetuassem a sua condição. Assim, “enquanto na Bahia o discurso da eugenia representou acomodação – afinal, a raça brasileira tinha solução –, já no Rio levou a uma atuação médica cada vez mais agressiva”⁴⁶, sendo o processo de higienização desta cidade um dos exemplos deste desempenho. Portanto, com esses métodos a medicina havia se tornado uma ciência biológica de atuação no meio social ao relacionar a questão da enfermidade com coletividade através das teorias evolucionistas, deterministas raciais.

“O problema racial, é portanto, a linguagem pela qual se torna possível apreender as desigualdades observadas, ou mesmo uma certa singularidade nacional”.⁴⁷ Os letrados e homens de ciência tentaram assim, formular o ideal de progresso e civilização para o Brasil através das teorias européias adotadas ao contexto social brasileiro caracterizando a diferenciação perante o modelo original.

Houve, nesse contexto, aqueles que defenderam o branqueamento da população brasileira, aqueles que

⁴⁶ SCHWARCZ... p.236

⁴⁷ SCHWARCZ... p.239

defenderam o indígena e o africano como primordiais na constituição racial nacional, ou aqueles que pediram pelo assassinato em massa de indígenas estando estes relacionados ao homem selvagem em oposição ao civilizado europeu.

Silvio Romero, por exemplo, da Escola de Direito de Recife, previa o branqueamento da população brasileira em três ou quatro séculos. Conjugando modelos raciais e evolucionistas de análise; sendo o branco o vencedor da superioridade racial, mesmo defendendo que o mestiço era o “agente transformador por excelência”.⁴⁸

Por outro lado, para Nina Rodrigues, ligado à Faculdade de Medicina da Bahia, o negro e a degeneração do mestiço eram encarados como perigo para o branco, a classe superior por excelência segundo os parâmetros da época. Podemos notar que geralmente através do evolucionismo o branco era encarado como essencial para a civilização e para o progresso brasileiro.

Nesta colcha de retalhos sobre as questões marcadas entre as teorias naturalistas, deterministas, evolucionistas e raciais, segundo Roberto Ventura, a sua adoção no Brasil, não exprimia somente os interesses coloniais e imperialistas da Europa, mas também e principalmente dos grupos nacionais identificados como responsáveis pela elaboração de um discurso progressista, civilizado e moderno. Assim,

“(...) os sistemas de pensamento europeus foram integrados de forma crítica e seletiva, segundo

⁴⁸ VENTURA... p.48

os interesses políticos e culturais das camadas letradas, preocupadas em articular os ideários estrangeiros à realidade local. (...) As concepções racistas se tornaram parte da identidade das elites em uma sociedade hierarquizada e estamental, com grande participação de escravos, libertos e imigrantes no trabalho produtivo. A identificação dos letrados com os valores metropolitanos levou à relação etnocêntrica com as culturas indígenas, africanas e mestiças, percebidas pela mediação do discurso europeu”.⁴⁹

Após este histórico a respeito das idéias nacionais relativas à questão racial, voltemos à Curitiba do final do século XIX e início do século XX. Embora o discurso racial, como vamos analisar, tenha ficado relacionado aos debates publicados em periódicos, ele desenvolveu teorias quanto à questão de raça para a construção nacional.

2.3 Dario Vellozo: O indígena é primordial para o progresso nacional

A discussão a respeito da questão de raças foi além das instituições detentoras de um certo saber. Os critérios deterministas do evolucionismo e do naturalismo, encarados dentro de suas científicidades, foram teorias utilizadas para explicar toda a produção nacional; como principalmente a literatura. Os próprios literatos tomaram parte nas discussões de raça, como é o caso do romantismo com o indianismo e a corrente literária do naturalismo que

⁴⁹ VENTURA... p.60

demonstrava o panorama da miscigenação degenerada do Brasil. Assim, ao olharmos para a produção literária do Paraná, notaremos que essas discussões fizeram parte das preocupações e obras e dos literatos paranaenses.

Nestor Vítor, um crítico do seu tempo, que tinha seu ambiente social entre a capital nacional e Curitiba, também apresentava as suas particularidades quanto à questão da raça nacional. Considerava que o negro e o índio caminhavam rumo à evolução, porém muito mais lentamente do que os brancos e pensava que através do “cruzamento entre brancos, caboclos e negros, ter-se-ia uma humanidade nova”⁵⁰.

No Paraná, a revista *O Cenáculo*, que tinha Dario Vellozo como um de seus grandes porta-vozes, defendeu a questão de raças totalmente a favor do indígena e de sua inclusão na sociedade para se alcançar o progresso nacional.

Júlio Pernetá, amigo de nosso intelectual em questão, fundador da revista *O Cenáculo* juntamente com Dario Vellozo, defendeu o indígena da mesma forma. Dizia ele:

Quando se defende, como nós fazemos, os descendentes de uma raça de bravos, hoje dispersa e escoraçada, para vergonha nossa, sem Pátria, dentro do território da sua Própria Pátria; quando protestamos contra o acto criminoso de se escravizar o índio, o fazemos em nome das nossas tradições de liberdade, encarnadas no heroísmo ingente dessas tribus gloriosas, que se foram para

⁵⁰ CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vítor: um intelectual e as idéias do seu tempo. 1890-1930*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p.141

a morte, levando na retina de seus olhos a imagem desoladíssima da Pátria escravizada.⁵¹

Assim, para podermos fazer uma análise sobre as idéias de Dario Vellozo quanto à formação de uma raça nacional, utilizamos para tal fundamentação, na sua grande maioria, artigos publicados em jornais na última década do século XIX e nas duas primeiras do século XX. Esses artigos, posteriormente, foram reunidos e publicados recebendo os títulos de: *Pelo Aborígine*, de 1911 (este publicado juntamente com Júlio Pernetta); *Da Tribuna a Imprensa*, de 1915 e *No Limiar da Paz*, de 1923; estas obras literárias constituem, assim as fontes para este trabalho. Levando-se em consideração que a produção literária diz muito a respeito de um determinado tempo e espaço.

Dario Vellozo caracterizou-se pelos seus discursos inflamados na imprensa paranaense; tanto na defesa do regime republicano, como nas suas falas anticlericais, mas também para pedir em favor do indígena. Dizia que o grupo de *O Cenáculo* foi o primeiro a apresentar preocupação com o indígena no território nacional. E é nesse sentido que este intelectual encaixa-se nas discussões relativas à questão da raça nacional para a construção da nacionalidade brasileira.

Baseando as suas leituras principalmente em autores do romantismo brasileiro, mesclando com teóricos europeus e com suas leituras ligadas ao misticismo, ao simbolismo e ao Neo-Pitagorismo, juntamente com os “homens de ciência” como Silvio Romero, discutiu qual seria

⁵¹ PERNETA, Julio e VELLOZO, Dario. *Pelo Aborigene*. Curitiba, 1911. p. 93

a sua concepção quanto a uma raça nacional.

Este literato caracterizou-se pela sua defesa ao “aborígene” enquanto elemento étnico primordial à nacionalidade brasileira. Suas idéias discorrem através do sentido de liberdade nacional como defesa perante as nações européias e é nesse sentido que o indígena é essencial à formação da nação. Para Vellozo, como filhos da terra do Brasil, como autóctones, entre as três raças que formam a etnia nacional, só eles tinham a autonomia em sua história. Esta sua defesa assemelha-se ao “bom selvagem” de Rousseau; chegando a dizer que o problema nacional não era étnico e sim educacional. Opunha-se ao determinismo climático proposto por Montesquieu no momento em que afirma que o selvagem não admite servilismo, a autonomia era uma de suas características.

Como forma de defender a origem do autóctone indígena Vellozo recorre às explicações geológicas para demonstrar que o continente americano é bastante antigo. Adepto do poligenismo, apela à arqueologia, para continuar a fundamentar o seu pensamento com relação a antiguidade do homem. Assim, usou da ciência arqueológica realizada no Brasil por Lund⁵² para expor o caso dos crânios encontrados em Lagoa Santa, Minas Gerais; indícios da pré-história do homem brasileiro. Em suas palavras: “Creio, a existência do autochtone americano é, hoje, mais aceitável, pois está patente seu longínquo aparecimento, tão remoto como o do homem do antigo

⁵² Peter Wilhelm Lund, naturalista dinamarquês, veio ao Brasil durante o século XIX a fim de estudar a fauna e a flora do Brasil. Porém, ele foi responsável por encontrar em Lagoa Santa – MG crânios relacionados ao período pré-histórico brasileiro iniciando o trabalho arqueológico no Brasil.

continente. E, a serem exactas, - como suponho, as conclusões de Lund, o homem americano existia, antes mesmo que o antigo continente gozasse das indispensáveis condições de habilidades à espécie humana.⁵³

Dessa forma, através do evolucionismo, seria possível demonstrar que os indígenas são passíveis de progresso, de civilização, como os europeus, pois eles têm seu surgimento tão remoto quanto o antigo continente.

Como defensor do poligenismo explicava o remoto aparecimento do indígena brasileiro, que podemos constatar segundo as suas próprias palavras. Dizia Vellozo: “Querem, porem, escudado em taes invasões, remotíssimas é verdade, negar a existência do autochtone americano, como se tem pretendido fazer, tão somente porque se notassem analogias entre algumas tribus da América e Azia; querer, pelo simples facto da não autochtonicidade dos Tupis concluir pela unidade das origens do homem, está, a meo ver, alem da imparcialidade e do critério científico”.⁵⁴

Juntamente com a questão científica, colocava também a questão a respeito do pensamento ocultista dizendo que Lund e o ocultismo defendiam o surgimento da América anteriormente aos outros continentes. Isso ocorre da mesma forma ao dizer que Darwin e Papus (o mestre da filosofia ocultista de Dario Vellozo) compartilhavam da mesma idéia de que cada ambiente natural desenvolveu uma fauna, flora e uma raça particular; demonstrando nesse sentido a união que faz através de seus pensamentos

⁵³ PERNETTA,... e VELLOZO... pg.53

⁵⁴ PERNETTA,... e VELLOZO... pg.53

científicos e até filosóficos com relação à questão de raças.

Vellozo criticou os jesuítas por terem submetido o indígena à catequese, como os colonizadores os trataram no processo de colonização e o local que a civilização relegou ao aborígine. Afirma que era necessário fazer dos aborígenes cidadãos e não somente catequizá-los. Defendia a inserção do indígena na sociedade para que assim tivesse-se o elemento étnico brasileiro.

Por isso, embora fosse um grande defensor do indígena, de sua característica autóctone, sinônimo de liberdade nacional, via na fusão das raças o tipo único e definitivo da nação – o mestiço. Dario Vellozo defendia o caboclo e o sertanejo dizendo que estes também eram encarados como à margem da civilização. Notamos que o branco e o negro só aparecem em seus artigos no momento em que ele pede pela união das três raças para a defesa do meio nacional. Assim, em sua defesa ao mestiço e ao indígena dizia que: “Há no caboclo como no aborígine, precioso fator cívico, genuíno subsídio de nossa característica”.⁵⁵ Portanto, na união das raças estaria a autonomia nacional, defendia a característica do povo como valor moral, expressão de uma cultura nacional; alegando que a cultura é o fruto moral das civilizações superiores.

Assim, o indígena e o caboclo são essenciais para a formação moral e social do Brasil, pois em ambos estavam presentes os elementos étnicos para o progresso nacional. O indígena enquanto solução natural, e o mestiço enquanto solução para a colcha de retalhos étnica existente em terras brasileiras.

⁵⁵ PERNETTA,... e VELLOZO... p. 34

Quanto à imigração defendida por muitos intelectuais nacionais como forma de branquear a população brasileira rumo à civilização e ao progresso, Dario Vellozo tinha idéias contrárias. De certa forma, temia a imigração principalmente no sul do Brasil, pelo clima ser semelhante a certos locais da Europa. Seguindo uma citação que fez de Silvio Romero: “Depois dos assuntos políticos seguem-se os sociais. E entre estes avulta o da imigração e colonização estrangeira, que, ao nosso ver, é mais um temeroso problema social do que econômico”.⁵⁶ Temia que o imigrante com seus traços europeus denegrise a característica do brasileiro, sendo este um problema social já que o indígena poderia ser renegado a ser inserido na sociedade.

Ao analisar alguns de seus artigos como forma de defender a nacionalidade brasileira notamos suas concepções relacionadas à raça nacional. Nos artigos da última década do século XIX e no início do século XX imperava mais uma análise de formação cultural. Já na segunda década do século XX demonstra também uma certa preocupação com o meio natural e a unificação do território, porém este só ocorreria através do intercâmbio cultural, de costumes de uma região nacional a outra para formar uma única cultura brasileira sendo a união das raças um dos primeiros passos a se chegar a essa condição. Seus artigos assumiram assim, características de um manifesto para preservar o elemento indígena, a raiz racial, sendo que este era um dos elementos essenciais para o progresso.

⁵⁶ PERNETTA,... e VELLOZO... p.34

Ao analisarmos Dario Vellozo podemos ter uma percepção da pluralidade que a discussão racial despertou no Brasil no final do século XIX e início do século XX, quando o país estava fundamentando seu cenário nacional e internacional. O intelectual em questão discutiu as teorias de raças como muitos outros intelectuais brasileiros o fizeram, baseado nos fatores científicos étnicos principalmente adotados da Europa. Assim, podemos pensar, com relação à adoção das teorias européias, que “não se trata de entender a adoção das teses raciais como mero reflexo, uma cópia desautorizada, mas antes indagar sobre seus novos significados contextuais, bem como verificar sua relação com a situação social, política, econômica e intelectual vivenciada no país. (...) Vê-las como resultado do momento em que se inserem, mas conjuntamente atentar para a criação de novos valores e concepções”.⁵⁷ Assim, podemos incluir Dario Vellozo entre os construtores de significados para a nação, responsáveis por pensar os contornos brasileiros que estavam delimitando-se, usando das teorias retiradas inicialmente das ciências biológicas e que foram adotadas pelas ciências sociais como forma de análise dos aspectos constituintes do meio social.

Porém, como o objetivo principal deste trabalho de pesquisa é conseguir estabelecer um parâmetro com as obras literárias que influenciaram Vellozo, iremos expor no próximo capítulo algumas linhas relacionadas ao seu “mundo de leituras”. Deste modo, focar este intelectual como um leitor é um dos principais objetivos deste trabalho.

⁵⁷ SCHWARCZ... p.242

3. DARIO VELLOZO E SUAS LEITURAS

Dario Vellozo viveu em um mundo de leituras. Quando jovem, passava diversas horas na biblioteca da casa de seu pai lendo, principalmente, os poetas e autores românticos. Muitas vezes seus amigos encontravam-no na mesma biblioteca onde juntos liam em voz alta e discutiam diversos autores e obras literárias. Suas biografias, como as escritas por Tasso da Silveira e Erasmo Pilotto, contam que nessas diversas reuniões com seus amigos, (que se tornaram, assim como Vellozo, literatos) as suas leituras eram geralmente acompanhadas de uma bela xícara de café.⁵⁸ Mesmo após o seu casamento e com a sua mudança para o “Retiro Saudoso”, onde fundou o Instituto Neo-Pitagórico em 1909, compôs uma bela biblioteca na qual havia, entre as várias prateleiras de livros, um bonito busto do filósofo iluminista Voltaire⁵⁹. Tasso da Silveira também relatou que “em contato direto com a Europa, recebendo livros e revistas dos velhos centros da civilização, o mestre pode cultivar admiravelmente a bella intelligencia que possui, e fazer-se uma cultura respeitável”.⁶⁰

Assim, se pensarmos em Dario Vellozo não somente como literato paranaense, mas se o olharmos como um leitor, podemos começar a responder uma das principais problemáticas deste trabalho: quem Dario Vellozo leu e de que forma ele se apropriou das idéias dos literatos com os quais teve contato?

⁵⁸ PILOTTO, Erasmo. *Dario Vellozo – Cronologia*. Curitiba, 1969. p.36

⁵⁹ SILVEIRA, Tasso. *Dario Vellozo: Perfil Espiritual*. Curitiba, 1921. p.16

⁶⁰ SILVEIRA,... p.18

A leitura é um assunto bastante vago; podemos falar de suas leituras românticas, de suas leituras sobre história, filosofia ou até mesmo de suas leituras ocultistas que tanto o influenciaram na poesia que desenvolveu para o movimento simbolista. Porém, esta pesquisa elegeu as leituras do personagem em questão relacionadas à sua concepção de raça nacional. Como vimos no capítulo anterior diante das discussões a respeito da procura de uma identidade nacional Vellozo escreveu algumas dezenas de linhas a respeito do que considerava a etnia nacional formadora das características brasileiras.

Com a leitura dos artigos que escreveu, os quais encontramos a sua concepção de raça nacional, procuramos as suas citações a respeito de quais livros e autores ele leu e o que ele falava a respeito das obras. Desta nossa “perseguição” por suas leituras descobrimos diversos autores nacionais e estrangeiros como é o caso de Gonçalves Dias, Silvio Romero, José Basílio da Gama, J. Mariano de Oliveira, Topinard, Darwin, Quatrefages, Max Nordau e entre outros. Deste modo, escolheu-se para esta pesquisa, trabalhar com dois autores e suas obras para podermos responder à pergunta exposta acima, são eles: Silvio Romero e Max Nordau que escreveram respectivamente “História da Literatura Brasileira” e “Paradoxos”. Estes dois foram escolhidos primeiramente pelo fato de um deles ser brasileiro e outro europeu e também porque os dois foram bastante citados na formulação do pensamento de Dario Vellozo a respeito de uma raça nacional. Assim, antes de conseguirmos responder a dada questão vamos conhecer os dois escritores e as suas obras para então “descobrirmos”

como o intelectual paranaense se apropriou dessas suas leituras.

3.1 Silvio Romero e a Literatura da nação mestiça

O sergipano Silvio Romero (1851-1914) foi encarado por seus estudiosos como intelectual da “geração de 1870” (geração responsável pelas primeiras leituras de deterministas e evolucionistas no Brasil) estudou na Faculdade de Direito de Recife na qual, juntamente com Tobias Barreto e outros colegas fundou a Escola de Recife, que buscava uma renovação no campo das idéias na intelectualidade brasileira. Ficou conhecido como crítico, polemista e escritor combatente devido aos seus diversos artigos para jornais e obras literárias. Romero fez parte do cenário brasileiro onde “nas polêmicas os literatos lutavam por suas idéias e grupos, pela ‘sobrevivência’ ou ‘morte’ na cena da literatura e do jornalismo. Época de escritores combativos, de polemistas irados, de bacharéis em luta”.⁶¹

Desenvolveu uma análise determinista e evolucionista a respeito da situação nacional, do momento em que viveu, descrevendo o que examinava em diversas obras. Alguns de seus principais livros são: *Introdução à História da Literatura Brasileira* de 1882, *O Naturalismo em Literatura* de 1882, *Estudos de Literatura Contemporânea* de 1885, *Etnografia Brasileira* de 1888, *História da Literatura Brasileira* de 1888 dentre muitas obras. Podemos verificar, por alguns desses títulos, a importância que Silvio

⁶¹ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil – 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 199. 2a edição 2001. p. 13

Romero concedia à literatura nacional. Atribuía “à literatura e à cultura uma ‘missão social’, em que caberia ao escritor intervir politicamente”⁶²; pois ele defendia a intervenção do literato no espaço público. Foi por encarar o literato como responsável por uma certa “militância” no campo das idéias nacionais que nas suas obras a respeito da literatura deixou de incluir alguns escritores, como é o caso de Machado de Assis, por não transmitir em seus livros ideais comprometidos com os problemas nacionais.

Roberto Ventura, utilizando-se de um estudo a respeito de Silvio Romero realizado por Antonio Cândido, explicita que as linhas teóricas seguidas ao longo de suas obras seriam: “o critério nacionalista, a perspectiva etnológica, o enfoque da literatura a partir de seus fatores externos, a junção de positivismo, determinismo e evolucionismo, o critério sociológico de valoração do texto com base em sua representatividade e lugar na evolução cultural, a adaptação do determinismo de Taine pela inclusão da ‘influência estrangeira’ como fator literário, a fusão entre naturalismo crítico e julgamento de valor, a rejeição da crítica estética e retórica.”⁶³

Deste modo, na literatura brasileira, Romero criticou o descaso intelectual e defendeu a influência das raças. Acreditava que através da mestiçagem seria possível superar a imitação européia, e assim, que a diferença étnica seria um fator nacional de característica e valor literário.

Para melhor expor as idéias do intelectual sergipano falemos um pouco a respeito de uma de suas principais obras: *História da Literatura Brasileira*. Este livro foi lido por

⁶² VENTURA,... p. 72

⁶³ VENTURA,... p. 75

Dario Vellozo, e citado textualmente em alguns artigos de seu livro *Pelo Aborígene*.

A primeira edição da obra *História da Literatura Brasileira* é de 1888 e foi publicada em dois volumes; o utilizado para fazer este trabalho de pesquisa foi a sexta edição de 1960, publicado em quatro volumes. Silvio Romero dividiu sua análise a respeito da literatura brasileira em quatro fases: O Período de Formação (1500-1750) em que os temas predominantes seriam a natureza e as “raças selvagens”; o Período do Desenvolvimento Autônomo (1750-1830) que expõe as obras relacionadas a elaboração da independência política, da atividade literária e científica brasileira; O Período da Poesia Romântica (1830-1870) na qual enfatiza o momento de transição para a poesia e discute a poesia de alguns poetas brasileiros; e o último período relacionado à fase do romance do movimento romântico analisado a partir de 1870.

Nesta obra podemos destacar algumas idéias de Silvio Romero quanto à importância da literatura e também da análise étnica para o campo das idéias nos Brasil. O autor em questão defendia que a “literatura se rege pela lei da evolução”.⁶⁴ E no decorrer de seu texto segue dizendo, “as letras seguem a marcha da civilização, porque elas são um produto da cultura e não da natureza”.⁶⁵

Em suas críticas aos diversos escritores brasileiros e suas obras exprime a sua análise evolucionista na literatura, não somente quanto à produção literária, mas com

⁶⁴ ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. V.3. Rio de Janeiro, 1960: Livraria José Olympio editora. p. 777

⁶⁵ ROMERO,... p. 784

relação aos comentários das obras literárias explanadas. Assim, tanto pela leitura de uma de suas obras como por estudos realizados a respeito de suas concepções, podemos notar a defesa do mestiço e do negro como elementos étnicos essenciais à construção de uma característica nacional. O mestiço era encarado por Romero como uma raça em transformação física e moral.

O mestiçamento, como se sabe, é no início uma fonte de perturbações e desequilíbrios. O mestiço é o depositário de tendências, índoles e inclinações diversas, que nem sempre acham um ponto de apoio, ordem e fixidade. Daí o seu caráter inquieto, contraditório, anormal. (...) É de esperar, porém, que uma mais forte ação do tempo acabe por trazer-nos a tranqüilidade orgânica e social a nós americanos.⁶⁶

Além disso, elogia um dos autores por ele analisados, como é o caso de Gonçalves Dias, por ser ele um mestiço. O fato de o escritor ser mestiço é um dos motivos para que Silvío Romero coloque suas idéias quanto à questão de raça, quanto à sua concepção evolucionista de análise. Defende o seu modelo crítico de análise, calcado na etnografia, pois é, segundo as suas palavras, “a base principal da compreensão das literaturas, nomeadamente a literatura de um povo misturado como o povo brasileiro”.⁶⁷

Porém, embora defenda o mestiço e o negro por

⁶⁶ ROMERO,... p. 917

⁶⁷ ROMERO,... p. 919

terem sido responsáveis pelo trabalho no Brasil ao longo de três séculos, ampara a supremacia, e segundo as leis da evolução, a proeminência do branco. Acreditava também que a mistura racial no Brasil ainda não estava pronta, devido à construção do Brasil ser um fato recente, por isso dizia que “ainda não temos um espírito, um caráter inteiramente original”.⁶⁸ Podemos verificar neste pequeno texto sobre a obra *História da Literatura Brasileira* como era importante o modelo de análise racial e evolucionista para Silvio Romero, além de também podermos tomar contato com algumas das idéias que circulavam no Brasil durante o século XIX. A relação com a leitura de Vellozo e a sua concepção étnica veremos mais adiante. No momento analisemos outra obra lida pelo literato paranaense: *Paradoxos* de Max Nordau.

3.2 Max Nordau e sua crítica à sociedade européia

O húngaro Max Simon Nordau (1849-1923) foi literato, médico, filósofo e, principalmente, um crítico de seu tempo. De uma família judia, teve grande parte de sua educação ministrada por seu pai, que lhe ensinou latim, grego e hebraico. Coursou a faculdade de medicina e enquanto era acadêmico sempre escreveu diversos artigos para jornais e também iniciou a sua vida literária; escreveu diversos poemas e ensaios e estudou história da literatura. Porém, foi como crítico da sociedade européia de seu tempo que ficou conhecido. Suas principais obras de denúncia social são: *Mentiras Convencionais de nossa Civilização* de

⁶⁸ ROMERO,... p. 924

1883 (publicado inicialmente em alemão em Leipzig), *Paradoxos* de 1896 (data da edição francesa) e *Degeneração* de 1892, sendo esta a sua obra mais conhecida e polêmica. Nestas obras Nordau lançou críticas ao modo de vida burguês, à religião, à arte e à literatura – identificando, em suas críticas, aspectos relacionados às “doenças da civilização européia”.⁶⁹

Como crítico de seu tempo relacionava os seus artigos a uma certa “decadência” da sociedade, principalmente entre as décadas de 1880 e 1890. Segundo BAUMER, “certas modas novas, filosóficas e artísticas foram identificadas por Max Nordau, no seu livro intitulado *Degeneração*”.⁷⁰ Nesta obra ele realizou uma lista de sentidos utilizados para descrever o cenário europeu nas últimas décadas do século XIX; fazendo objeções a este cenário, como é o caso de sua crítica à filosofia de Nietzsche.

Além disso, no final do século XIX, Max Nordau foi um dos defensores da criação de um estado judeu, chegando até a ser vice-presidente do movimento sionista.

Max Nordau foi um pensador em um momento que a Europa estava questionando o modelo científico-racionalista e correntes de pensamento estavam posicionando-se contra o positivismo, contra os padrões e valores burgueses. Embora Nordau estivesse criticando a sociedade européia do momento e, a julgar pelas idéias que circulavam perante o início de um novo século, seus conceitos estavam relacionados à desorganização de idéias e concepções pela qual

⁶⁹ BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Vol. II – séc. XIX e XX. p.129

⁷⁰ BAUMER,...p. 129

estava passando a Europa. Uma das características dos homens, de filósofos desse momento era justamente encarar o mundo de uma ótica totalmente otimista ou pessimista, e é justamente a partir dessa oposição, desse paradoxo, que Nordau inicia o seu livro de mesmo nome o qual foi lido por Vellozo.

Em “Paradoxos” Max Nordau discute inúmeros assuntos relacionados à sociedade europeia. São temas relacionados quase que totalmente a maneira de pensar filosófica do europeu. Discute temas como o pessimismo e o otimismo, a moral, os elementos que compõem a forma do homem pensar em sociedade, a oposição entre as faculdades de genialidade e talento, faz críticas literárias (principalmente entre a oposição da literatura naturalista e a dramática romanceada), discute a estética a partir do evolucionismo, a verdade, o problema da individualidade frente ao estado, a nacionalidade e ainda prevê problemas futuros no continente europeu. Como podemos notar, Nordau não discute, pelo menos não diretamente, o tema de raças. A questão racial, quando mencionada, faz parte de um de seus itens de análise a respeito da sociedade, e está quase sempre relacionada à etnia branca, já que o seu alvo de estudo é o branco europeu.

Em seu discurso sempre está muito presente a questão de que a força da natureza é muito maior do que a supremacia do homem. Dizia Nordau, “não é preciso ser uma inteligência universal para compreender que não estamos autorizados a julgar dos fenômenos do universo por meio da lógica humana”.⁷¹ A partir disso, defende a

⁷¹ NORDAU, Max. Paradoxos. Rio de Janeiro, 1954: Organização Simões. p. 10

construção do intelecto como progressivo, sendo inclusive a moral que rege o meio social.

A moral, finalmente, não é mais do que uma definição, sob forma de leis úteis e princípios, de condições reconhecidas momentaneamente úteis à existência do gênero humano. Com o desenvolvimento progressivo da humanidade algumas destas condições mudam e com elas mudam igualmente os conceitos de moralidade e de imoralidade.⁷²

Suas análises geralmente opõem o indivíduo perante a coletividade ou como representante da espécie. Defende a idéia de que o indivíduo realmente existe em oposição à espécie, o que é uma forma mais genérica de análise. Os indivíduos nunca são iguais, em oposição à espécie que estaria sempre sofrendo mutações sem limites para as transformações. Para ele a forma de pensar do homem é hereditária e faz parte do tempo em que foi concebida. Por isso, os homens teriam formas de pensar comuns e para que um ser humano quisesse apresentar uma forma diferente de pensar ele teria que vencer muitas dificuldades. E é nesse sentido que ele discorre a respeito de originalidade e vulgaridade.

Dizia que o “povo” tem dificuldade de aceitar o novo. Este seria combatido pela população, pois a dificuldade por aceitar novas invenções seria natural ao homem. Porém, poucos seriam aptos a pensar diferentemente

⁷² NORDAU,... p. 13

da população e criar formas de viver em sociedade contrárias aos outros. Mas quando o que era original fosse incorporado ao modo de vida do restante da população, o que antes era original tornava-se vulgar. “A vulgaridade não é mais do que a originalidade deteriorada e usada”.⁷³ Mas, a vulgaridade não era encarada como um fator negativo a respeito da sociedade, pois ela seria o desenvolvimento por parte da população da originalidade.

A esses gênios, responsáveis pela originalidade, que constituíam pequena parcela da população, deveria receber uma educação diferenciada, pois a escola ficava presa somente ao ensino de velhos ideais em oposição às verdadeiras necessidades do presente. Nordau propõe uma educação moral e não materialista, seria a educação do homem bem sucedido na vida, calcada na capacidade do indivíduo e espelhada nos erros alheios. Assim, o autor explicava que “nem todos os organismos possuem a faculdade de corresponder às impressões exteriores mediante manifestações não herdadas mas originais e novas no sistema nervoso e muscular, isto é, de terem em situações novas, pensamentos novos e de atuar por si”.⁷⁴ Desta forma, através de um conceito retirado da biologia, ou seja, a hereditariedade, relaciona o intelecto a tal fator biológico afirmando que a genialidade estava presente nos indivíduos que conseguissem se libertar da carga hereditária, proporcionando formas diferenciadas de pensar que

⁷³ NORDAU,... p.55

⁷⁴ NORDAU,... p.102

mais tarde faria parte da massa maior da população quando adotassem tal pensamento até então original.

Além disso, entre os outros diversos assuntos que escreveu, como é o caso da nacionalidade, é principalmente nesta sua análise inicial que vai basear-se; utilizando conceitos da biologia, como é o caso da hereditariedade, para explicar o seu ponto de vista a respeito do meio social. São raros os momentos que ele discorre a respeito de teoria racial, porém, expõe em alguns trechos de seu livro o que para ele seriam as diversas etnias existentes no globo.

(...) creio que as grandes raças são variações de nossa espécie, e que as diferenças que elas apresentam, tanto na conformação anatômica, como nas côres da pele, não sejam somente conseqüências da transformação de um tipo único primitivo vindo em seqüência a influências locais, mas que essas diferenças se explicam por meio da diferença de origem; a mim me parece que a semelhança existente entre o homem branco, o negro e o índio não é maior do que a existente entre o elefante africano e o indiano; entre a vaca doméstica e o búfalo selvagem.⁷⁵

Embora a questão racial não seja um fator importante em sua obra, esta citação foi exposta para que pudéssemos ter um contato com o fator étnico de seu pensamento; já que a discussão racial é um dos elementos deste trabalho.

⁷⁵ NORDAU,... p.286

3.3 E as leituras de Dario Vellozo

Dario Vellozo deixou em seus artigos relacionados à questão política nacional o nome de diversos autores que leu e que também o inspiraram a escrever ou a fundamentar diversas das idéias que defendeu em seus artigos. Para responder à problemática deste trabalho seria simples se os textos lidos por si só nos conferissem a forma em que as leituras foram realizadas. Mas, se levarmos em conta que a história da leitura é uma incógnita, pois se mal reconhecemos de que forma estabelecemos significados com o que lemos, como resgatar o que era lido em tempos anteriores se, no caso deste trabalho, Dario Vellozo vivia em um universo mental totalmente diferente? Para responder a esta pergunta e a problemática central deste trabalho, nos determos inicialmente na teoria da história da leitura.

Para trabalhar com a história da leitura temos que encarar que ela apresenta dificuldades metodológicas. Pois, “a leitura, (...) não é meramente uma habilidade; é uma ativa elaboração de significados dentro de um sistema de comunicação”.⁷⁶ Assim, para Darnton, a leitura faz parte de uma rede de comunicação que inicia no escritor, passa pelo editor, pela impressão, pelo vendedor até chegar ao leitor. Em qualquer uma dessas dimensões estaria se produzindo uma história do livro na qual a leitura faz parte desta rede de diálogos. A relação entre o escritor e o editor, entre este e o livreiro ou o processo de produção do

⁷⁶ DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 279.

livro e sua estrutura, o custo, e até mesmo de que forma esses objetos eram distribuídos, criam uma circularidade de relações e de construção de significados que influenciavam e influenciam a própria lógica do livro e que também influenciavam na leitura.

Como a leitura não é uma habilidade, é mais complexa, está relacionada com as simbologias que o indivíduo estabelece com o texto escrito, além de que também varia de cultura para cultura. Darnton expõe caminhos para que possamos saber um pouco a respeito da leitura. Segundo este autor, deve-se buscar indícios para captar o que a leitura significava para os leitores que dela deixaram registros, pode-se seguir a crítica literária, procurar de que forma a leitura era ensinada, estudar autobiografias, cartas e entre outras fontes para chegar, a saber, um pouco a respeito do ato de ler. Assim, “não há caminhos diretos ou atalhos, porque a leitura não é uma coisa distinta, como um constituição ou uma ordem social, que pode ser rastreada através do tempo. É uma atividade que envolve uma relação peculiar – por um lado o leitor, por outro o texto”.⁷⁷ Desta forma, se conseguirmos desvendar uma pequena parte a respeito da forma com que os leitores no passado tinham uma relação com os livros, podemos saber de que forma o indivíduo concebia o mundo em que vivia. O que está em jogo é justamente poder descobrir um pouco a respeito da rede de significados estabelecidos com a obra literária ou com o texto. Assim, a história da leitura está relacionada a conceitos, métodos e

⁷⁷ DARNTON, Robert. *História da leitura*. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 233.

abordagens que podem abrir-se diante dos olhos do historiador e desvendar uma pluralidade imensa a respeito de como as pessoas comuns, intelectuais e outras pessoas, encaravam o mundo em que viviam.

Para trabalharmos com a história da leitura também podemos nos utilizar da definição de Chartier de que “ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros”.⁷⁸ O mesmo autor nos chama atenção para levarmos em conta que geralmente o leitor está inscrito no texto, como é o caso da obra acima apresentada, *Paradoxos*, na qual Max Nordau conversa o tempo todo com o leitor. Assim, este, geralmente, “é sempre visto pelo autor como necessariamente sujeito a um único significado, a uma interpretação correta a uma leitura autorizada”.⁷⁹ Mas, como ele mesmo conclui, os diversos leitores se inscrevem de formas plurais nos textos e nos livros.

Desta forma, o historiador deve estar atento às práticas de leituras que se relacionam à forma de apreensão, de compreensão e de manipulação do texto ou da obra literária por parte do leitor. Pois na leitura existe uma intermediação entre o texto e o leitor e este, através de sua interpretação concede significados à obra por ele lida.

Além disso, Chartier desenvolveu o conceito de apropriação na leitura que é extremamente importante para respondermos à pergunta realizada no início deste capítulo.

⁷⁸ CHARTIER, Roger *Textos, Impressões e Leituras*. In: Hunt, Lynn (org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 214

⁷⁹ CHARTIER,... p. 213

“A noção de apropriação torna possível avaliar as diferenças na partilha cultura, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção”.⁸⁰

Dario Vellozo, ao ler os dois escritores acima mencionados, estabeleceu um modo de leitura e uma rede de significados que nos é estranha hoje, pois o mundo mental do intelectual em questão é inconcebível hoje. Porém, deixou eternizado em suas obras literárias o nome de quem leu e citações a respeito das obras que nos demonstram de que maneira ele se utilizou dos textos lidos. Por isso, para continuar a expor a forma de apropriação de discurso que Vellozo realizou das duas obras já mencionadas podemos pensar da seguinte maneira: “As práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas”⁸¹.

Assim, o literato paranaense utilizou em seu trabalho citações retiradas das obras dos dois autores para fundamentar a sua concepção de raça nacional. Tanto de Silvio Romero quanto de Max Nordau apropriou-se do que estes diziam a respeito do problema da migração. Dario Vellozo que via no indígena o elemento étnico principal para a formação do “povo brasileiro” preocupava-se com a imigração européia que crescia no Brasil, principalmente nas regiões Sudeste e Sul do país, que viria para descaracterizar a fisionomia nacional que ainda estava sendo construída naquele momento. O problema com relação à imigração ele retirou justamente do livro de Max Nordau quando este

⁸⁰ CHARTIER,... p. 233

⁸¹ CHARTIER,... p. 234

escreveu a respeito dos problemas sociais que iriam avassalar a Europa no futuro, sendo um deles o problema do crescimento populacional e a falta de alimentos. Assim, iniciou Dario Vellozo ao falar do autor europeu:

Max Nordau, em substancioso artigo, - “Um golpe de vista para o futuro”, - depois de haver apresentado e discutido, com proficiencia e critério diversas hypoteses, interessantes pelo elevado das proposições, e notaveis pela argucia de ideias, avança o seguinte, digno da atenção de quantos se preocupam com os destinos da Patria Brasileira.⁸²

Após esta declaração do literato paranaense segue e expôs a seguinte citação retirada da obra *Paradoxos*:

O emigrante europeu procurará em primeiro lugar países cujo clima apresente menores diferenças possíveis com o do seu país natal, que para sua saúde seja o mais favorável, e ele não meterá de permeio entre a pátria e si próprio senão a distância que a estrita necessidade lhe prescrever. Primeiramente, a corrente de emigrantes se espargirá pela América do Norte, pela Austrália, pela África e América meridional (...).⁸³

Dario Vellozo após fazer esta citação desenvolveu o problema relacionado à migração e são as suas seguintes palavras:

⁸² PERNETA, Julio e VELLOZO, Dario. *Pelo Aborigene*. Curitiba, 1911. p.36.

⁸³ NORDAU... p.307

Mormente ao povo Brasileiro, cujos caracteres ethnicos, se bem que mais ou menos accentuados, ainda não apresentam o tom definitivo geral que dá as collectividades autonomia e força, e soffrem actualmente abatimento relativo, com os novos elementos que para elles estão concorrendo nos Estados do Sul. (...) ahi se estabelecerão tanto mais facilmente, quanto menos aproveitado houver sido o nosso elemento autochtone, unico em condições vantajosas de supportar longamente o choque e sustentar a lueta com as raças conquistadoras, - uma vez trazido para a civilização, e sabiamente educado, e assimilado ao nosso povo.⁸⁴

Continua em parágrafos posteriores salientando a obra do pensador europeu: “Sigamos nosso illustre auctor dos Paradoxos: ‘(...) cada nova geração faz nascer na Europa um novo excedente da população que deve procurar em outra parte meios de subsistência’”.⁸⁵ Outras palavras foram dedicadas à Max Nordau, como por exemplo, “ ‘ Bem cedo as raças inferiores estarão perdidas’ exclama o sábio pensador (...)”.⁸⁶

Como podemos observar pelas citações, a leitura está relacionada à aceitação de mensagens e modelos que recebem ajustes, combinações ou resistência com o que foi lido pelo leitor. Vellozo também utilizou-se de citações da obra de Silvio Romero para evidenciar o problema da imigração, encontrando neste autor palavras

⁸⁴ PERNETTA,... e VELLOZO,... p.37

⁸⁵ PERNETTA,... e VELLOZO,... p.38

⁸⁶ PERNETTA,... e VELLOZO,... p.37

para pensar na questão da imigração. Suas primeiras palavras dedicadas a Romero foram:

É bem de crêr, não sou contra a immigração, - nem poderia sê-lo, em tendo a respeito do socialismo as ideias que tenho; o que desejo, porém, é sentir salvaguardada para o futuro a autonomia de nosso povo, e ver aproveitado em nosso paiz todo esse elemento selvagem que ainda nos resta. Penso com Sylvio Romero, o conspicuo escriptor brasileiro, o grande patriota republicano:

Dario Vellozo utiliza algumas linhas para fundamentar o problema da imigração com base na obra de Silvio Romero intitulada *História da Literatura Brasileira*, algumas dessas linhas iremos transcrevê-las abaixo:

O Brasil possui uma certa unidade ethnica que lhe tem garantido a existência até hoje. Mas esta unidade não deve ser perturbada com a ingestão systematica de elementos estrangeiros em privilegiada zona do paiz (...).

Queremos que em primeiro logar se aproveitem os elementos nacionaes. (...) Quanto aos estrangeiros, deve-se fazer com elles o que nós intitulamos a *colonização integral*, isto é, que se vão espalhando por todo paiz, especialmente o norte e o grande oeste (exatamente a região mais povoada pelo cariboca e pelo mameluco, onde o cruzamento com o indio é mais commum e não haverá portanto, receio de *mystificação nacional*). Nada de aglomerar-os às dezenas nas quatro províncias do sul.

(...) Nosso plano é o mais liberal possível: em vez

de tres ou quatro provincias, damos-les vinte. O Brasil todo ahi está, espalhem-se, tenham o mesmo trabalho que tiveram outrora os portugueses. Espalhem-se e misturem-se às populações nacionaes.⁸⁷

Unindo as proposições de Max Nordau quanto ao clima favorável ao imigrante e as idéias de Silvio Romero relacionadas ao problema da imigração no país, Dario Vellozo expôs: “O Norte do Brasil tem o seo clima inexpugnavel o melhor elemento de reacção com as imigrações estrangeiras: lá, ou o imigrante cruza com as raças indigenas, ou succumbe”.⁸⁸

Assim, o número de fatores que influenciam na leitura de um indivíduo são diversos. Podemos utilizar a metodologia de trabalho para a história do livro realizada por Robert Darnton ou Roger Chartier. Porém, este trabalho privilegiou a teoria da apropriação na leitura defendida por Chartier. Ambos propõe-se a trabalhar com a História Cultural, e a história da leitura pode ser encarada como uma janela para desvendarmos a circularidade cultural de um determinado período e espaço.

Para finalizamos este capítulo, podemos pensar com este historiador francês que diz que “A história dos textos e dos livros deve ser, acima de tudo, uma reconstituição das variações nas práticas – em outras palavras, uma história da leitura”.⁸⁹ Assim, ao trabalhar com a história da leitura podemos tentar estabelecer um contato com um

⁸⁷ PERNETTA,... e VELLOZO,... p.34

⁸⁸ PERNETTA,... e VELLOZO,... p.37

⁸⁹ CHARTIER,... p. 233

universo mental estranho a nós, mas que pode nos revelar uma pluralidade de visões de mundo de um determinado tempo e espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os assuntos que Dario Vellozo escreveu, concedemos importância às suas idéias políticas, principalmente àquelas relacionadas com a formação de uma raça nacional. Com as proposições que deixou eternizadas em seus artigos, podemos também pensar como era importante tal discussão no cenário nacional; que uma parte ínfima da qual foi resgatada no segundo capítulo deste trabalho. Porém, o nosso interesse na concepção de raça de Vellozo não estava somente relacionado ao que ocorria no cenário nacional, e sim com o Dario Vellozo leitor, para podermos saber de que forma ele se relacionava com as suas leituras.

Nos textos em que tratou da “raça nacional” utilizou-se de diversos autores, sendo alguns deles provenientes do movimento literário do romantismo brasileiro. Sua juventude foi marcada pelas leituras de autores românticos; sendo que Dario Vellozo escreveu, em meados de 1885, que: “Pôr este tempo não rabiscávamos papel; idolatrávamos o Casimiro de Abreu, Castro Alves, Junqueira Freire e Álvares de Azevedo”.⁹⁰ Além disso, Gonçalves Dias foi um autor privilegiado entre as suas discussões políticas. É nítida a influência que teve do movimento literário romântico brasileiro, verificado através das suas citações

⁹⁰ PILOTTO, Erasmo. *Dario Vellozo – Cronologia*. Curitiba, 1969. p. 36.

a respeito das obras lidas. Desta maneira, podemos notar o alcance deste movimento no pensamento de Vellozo na sua própria maneira de conceber o indígena enquanto fator principal na formação étnica brasileira, devido à característica do indianismo tão presente entre as suas leituras românticas.

Nelson Werneck Sodré expôs, em *Ideologia do Colonialismo*, que o indianismo, presente nas obras românticas, era muito mais antigo que este movimento literário, pois provinha desde a literatura jesuítica no Brasil colonial. Porém, o indianismo tornou-se forte no pensamento do século XIX porque o elemento étnico indígena:

(...) era uma coisa profundamente nossa, em contraposição a tudo que em nós era estrangeiro, era distante, viera de outras fontes. O indianismo era nativista, efetivamente, não só por coincidir com a fase de autonomia e dela provir como consequência direta, mas porque, logo após o processo de Independência, desenvolveu-se entre nós um nacionalismo vago e virulento (...). Provar que o Brasil podia subsistir sem o português, e que podia viver de seus elementos próprios, entre os que estavam presentes na tarefa da colonização, mas não eram lusos, constituía um tema excelente e próprio da época”.⁹¹

Podemos apreender da citação acima, a influência que o literato em questão recebeu do indianismo. Provavelmente, o índio era encarado como o elemento primordial

⁹¹ SODRE, Nelson Werneck. *A ideologia do colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1984. p.42.

para Dario Vellozo devido às suas leituras de literatos românticos. Porém, as considerações deste autor sobre uma raça nacional foram além do indígena idealizado nas literaturas românticas. Concedeu ao seu discurso um grau científico utilizado para provar a importância do autóctone na formação da etnia nacional. Deste modo, procurou-se e selecionou-se em seus textos dois autores que discutiram outros assuntos que não o indígena, mas que foram relacionados à explicação que Dario Vellozo elaborou como forma de proteger o “aborígene”.

De certa forma, podemos chamar os dois literatos escolhidos para esta pesquisa, lidos por Vellozo, como “homens de ciência”, como caracterizou Lilia Moritz Schwarcz.⁹² Ambos os literatos tinham um comprometimento científico com o que estavam defendendo, da mesma forma que o intelectual em questão também conferia aos seus discursos. Portanto, vemos como é rica a história da leitura, pois ela nos abre um amplo horizonte, que dependendo das obras escolhidas, nos fornecem uma grande pluralidade de significados estabelecidos pelo leitor. Pois, “a leitura individual pressupõe a criação de particularidades quanto ao universo simbólico ao qual os leitores estão expostos”.⁹³

Chartier disse que “ler é uma prática criativa que inventa significados (...)”⁹⁴; assim, de que forma Dario Vellozo

⁹² Lilia Moritz Schwarcz denominou em *O Espetáculo das Raças* os intelectuais brasileiros relacionados às instituições de saberes como “homens de ciência”, devido ao papel que assumiram perante a sociedade brasileira.

⁹³ Claudio, L. DeNipoti. *Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. p.129.

⁹⁴ CHARTIER, Roger *Textos, Impressões e Leituras*. In: Hunt, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 214.

estabeleceu significados com o que leu? Nas citações expostas no terceiro capítulo observamos que o intelectual em questão amarrou palavras ditas por outros autores (Romero e Nordau) para legitimar a sua proteção ao indígena, já que esta era uma das principais discussões de seu discurso racial. Porém, ao relacionar os discursos literários de outros autores com os seus, criou outras significações para a sua fala e para a dos outros autores; este é o caso das citações utilizadas do livro de Max Nordau. O autor húngaro estava expondo o seu ponto de vista para a Europa, preocupado com o aumento populacional do continente e com a provável falta de alimentos para toda essa população que para ele só tenderia a aumentar, sendo os outros continentes alvos dos europeus que estariam famintos a procura de um novo local para se abastecer. Nordau Expõe a superioridade do europeu perante os povos dos outros continentes, mas temia que com a influência do desses locais sobre os brancos estes também tornar-se-iam degenerados. Dario Vellozo usou destas idéias de Max Nordau relacionando a questão étnica do Brasil para evidenciar seu ponto de vista a respeito da ameaça que a imigração européia exercia sobre a constituição de uma identidade étnica nacional. Da mesma forma, apoiou-se nas palavras de Silvio Romero para propor uma solução a tal problema. Desta forma, as palavras desses autores por Vellozo utilizadas foram selecionadas e utilizadas com os significados que concedeu a elas para legitimar o seu discurso. Assim, podemos entender de que maneira o intelectual em questão pensava pois, com a história da leitura podemos saber “como

pensavam aqueles que, entre eles, podiam participar da transmissão do pensamento por meio de símbolos impressos”.⁹⁵ Já que a palavra impressa afeta a maneira de pensar do homem, foi isso que ocorreu com Dario Vellozo.

Ao trabalharmos com essas duas leituras realizadas pelo intelectual em questão conseguimos retirar também o que permaneceu em seus escritos com relação à sua experiência enquanto leitor, acerca da leitura realizada. Desta maneira, podemos encarar a leitura como um índice (fonte) das falas de um momento, pois ela foi, neste caso, uma das responsáveis pela pluralidade das discussões a respeito da raça nacional.

⁹⁵ DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 278 e 179

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno*. Vol. II – séc. XIX e XX

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

DE BONI, Maria Ignês Mancini. *O Espetáculo Visto do Alto: vigilância e punição em Curitiba 1890-1920*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vítor: um intelectual e as idéias do seu tempo. 1890-1930*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

CORDIOLLI, Marcos. *O olhar de um ponto diverso – as gênesis de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo (1890-1909)*. In: Projeto: *O Viver em uma sociedade urnaba-Curitiba 1890-1920*. Boletim do Departamento de História. Curitiba: UFPR, 1989.

CHARTIER, Roger *Textos, Impressões e Leituras*. In: Hunt, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

DARNTON, Darnton. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. *História da leitura*. In. BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp,

1992

DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas, S.P: Editora da Unicamp, 1999.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos Galhos das Acácias: o movimento anticlerical em Curitiba. 1896-1912*. Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1998.

PILOTTO, Erasmo. *Dario Vellozo – Cronologia*. Curitiba, 1969.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVEIRA, Tasso da. *Dario Vellozo: Perfil Espiritual*. Curitiba, 1921.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polémicas literárias no Brasil – 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 199. 2ª edição 2001.

FONTES

NORDAU, Max. *Paradoxos*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

PERNETA, Julio e VELLOZO, Dario. *Pelo Aborígene*. Curitiba, 1911.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. V.3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora., 1960.

VELLOZO, Dario. *Da Tribuna à Imprensa*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969.

VELLOZO, Dario. *No Limiar da Paz*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969.